

Ano II—N.º 63
17 de Outubro de 1931
Preço 1 Esc

reportagem

Semanário das grandes reportagens



reporter

O SEMANÁRIO
DE MAIOR TIRAGEM E EXPAN-
SÃO EM PORTUGAL

Grandes reportagens e crítica a todos
os acontecimentos de sensação
nacionais e estrangeiros

Sai aos sábados e é posto à venda
simultaneamente em todo o país

PROPRIEDADE EXCLUSIVA DE C. CAL

Director e Editor
REINALDO FERREIRA
(Reporter X)

Chefe da Redacção
MÁRIO DOMINGUES

Redacção, Administração e Publicidade
Rua do Alecrim, 65—TEL. 2 1276—LISBOA
End. Telegr.: REPORTERX—LISBOA

Composição e Impressão
SOCIEDADE EDITORIAL «A B C», L.da
Rua do Alecrim, 61—Rua da Luta, 1-B

PREÇO DAS ASSINATURAS

3 meses—série de 12 números—Esc. 11\$50
6 » » » 25 » —Esc. 22\$50
12 » » » 52 » —Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescem os respectivos portes
Pagamento adiantado

PASSAPORTES

Espanha, França, Brasil e América do Norte
AGENTES NO NORTE DA

UNITED STATES LINES
Nicolau Ferraz

R. do Loureiro, 60

Porto Tel. 762



BREVIARIO DE BELEZA

L'vro de M.me DENTELLE
PARA AS MULHERES
PORTUGUESAS

A ARTE DE SER BELA

- Saber conservar a mocidade.
- Evitar os traços implacáveis do tempo.
- Aprender atitudes e boas maneiras.
- Indicações sobre preceitos do convívio na sociedade.
- Como se conquistam simpatias.
- O culto da beleza do corpo, pela ginástica de movimentos simples e fáceis. Este livro é ilustrado com muitas gravuras que explicam como e quando se deve fazer a ginástica indispensável a todas as senhoras.
- A higiene física para manter agilidade, poderoso factor na estética feminina.
- Como se conserva a juventude, na expressão fisionómica, nas atitudes e nos movimentos.

Pedidos à Secção Feminina da revista «A B C»

RUA DO ALECRIM, 69, R/C

Esc. 2\$00—Pelo correio mais 50 centavos

Deite fóra todas essas águas, gotas, azeites e
tantas outras drogas que lhe têm impingido
para pintar os cabelos.

Elas não são mais do que um assalto à sua bol-
sa... Mostre que é inteligente.

Veja o que os melhores cabeleiros empre-
gam nos seus magníficos trabalhos de pintura.
Constatará que é só

KOMOL

KOMOL, dispondo de 18 cores à sua escolha,
desde o Preto ao Louro Rosado, permite-lhe
em sua casa, e sem auxílio de ninguém, resti-
tuir a côr natural aos cabelos em **15 minutos**.
E eles ficam macios, soltos e brilhantes, nin-
guém conhecendo que foram pintados.

CAIXA 25\$00

A' venda nos melhores estabelecimentos. Re-
presentante M. CABRAL—R. Camilo Castelo
Branco, 20, Telefone N. 3831.—Depositário—
FARMACIA OLIVEIRA, R. da Prata, 240—
Telefone 2 1415—Agente no Porto—A.
QUADROS Jor.—R. de Traz, 7, 2.º—Telef. 87

Se V. Ex^a tem de presentear alguém,
deve lembrar-se que um relógio
desta marca, é o melhor presente
que pode encontrar.

VENDE-SE EM TODAS AS
RELOJOARIAS E OUIRIVSARIAS

A B C - ZINHO

O ÚNICO JORNAL PARA CRIANÇAS
QUE SE PUBLICA EM PORTUGUÊS

A B C-ZINHO sai às segundas-feiras

Todos devem lêr o A B C-ZINHO porque instrue, educa,
diverte e custa só 1\$00

Preços por assinatura:— Por ano (52 números) 48\$00; por
6 meses (26 números) 24\$00; por 3 meses (13 números) 12\$00.

Pedidos à Administração:— Rua do Alecrim, 61 a 65

Basta escrever um postal e o A B C-ZINHO irá parar a sua casa

Homens & Factos do Dia

O homem - besta

A QUELE que não sente a tragédia humana que o cerca não é digno de ser homem. Chega a parecer impossível que no nosso tempo, após tantos séculos de civilização, depois de terem tombado, desde que o mundo é mundo, tantos apóstolos e santos que prêgaram o bem e o amor ao próximo, ainda haja quem coma, beba e goze tranqüilamente a existência sem que, pelo menos, um minuto de amargura lhe cerre na garganta um nó de angústia, oferecendo-lhe a vida, a cada passo, os espectáculos mais comoventes, mais degradantes para o género humano, mais contrários à chamada civilização e progresso apregoados pelos optimistas.

Sim, queridos amigos que jantais a horas, possuíis capas de borracha para a chuva, trajos leves para os calores do estio, vivenda independente e confortável no Estoril, chás dansantes nos casinos e colchão de penas no leito para repousar o corpo das fadigas da ociosidade — a civilização existe! Sim, a humanidade tem progredido muito, os sábios enlouquecem a engendrar novas máquinas, novos aparelhos, novos confortos que tornam a vida suave e fácil de viver. Os automóveis nunca foram tão perfeitos e velozes, os transatlânticos tão rápidos e cómodos, os perfumes tão subtis e embriagadores, as iguarias tão apetitosas, os cinêmas tão deslumbradores, as ruas tão bem asfaltadas, as grafonolas tão sonoras, as sêdas tão macias — mas, no entanto, a vida é no século XX, no século de todas estas maravilhas e deslum-

bramentos, tão dura, tão agreste para alguns entes infelizes como o foi há dois, três, vinte séculos!

Que importa que alguns homens tenham aparelhos admiráveis para cortar as unhas e envernizá-las; que os longos trajectos se façam mais cómodamente numa conduite ou numa limousine elegante de brandas molas e estofos tentadores; que o senhor A ou madame B ignorem os horrores do frio porque têm muito com que se abafem — se os sábios, os inventores, os luminares do progresso ainda não inventaram (e se inventaram não puseram em execução) a maneira de tornar extensiva à pobre humanidade sofredora toda a soma de felicidade (pelo menos a material) de que só alguns se aproveitam e quasi sempre injustamente? Será esta anomalia justa, compreensível, lógica?

Do extraordinário progresso alcançado pela ciência moderna até os animais gozam — mais felizes do que nós, homens, tão vaidosos da nossa superioridade. Nunca, como hoje, existiram estábulos tão higiênicos, tão lavados de ar, tão bem iluminados a electricidade, com boas camas de feno lavado e fôjo e mangedouras de uma limpeza impecável. E há pessoas que comem em tabernas sórdidas géneros avariados, que não possuem ao menos uma cama de ferro para descansar os ossos nem um estábulo, para muitos invejável, onde abrigar-se durante as noites rigorosas de inverno. Há uma Sociedade Protectora de Animais, admirável instituição de benemerência, que cumpre com uma dedicação e uma persistência admiráveis a missão altruista de defender os irracionais da irracionalidade dos racionais — mas não existe uma Sociedade Protectora da Humanidade que impeça que na China morram milhares de pessoas de fome, que em África estoirem crianças à mingua de alimentos e de cuidados, que na América se suicidem homens por não terem pão nem trabalho.

E até — como isto é doloroso e cómico! — quando os chamados animais de carga, a besta vítima do homem carasco, o burro, o cavallo, o boi, se encontram quasi libertos dessa escravatura degradante mesmo para um irracional — ainda se vêem pelas ruas entes esquil-



dos, faces estigmatizadas pela miséria, fronte vergada para a terra, músculos retesados num esforço superior às suas forças, entre os varais de uma carroça, puxando cargas monstruosas!

Quando, pelo triunfo da camionette de fácil manejo, a besta se liberta, se superioriza — permitam-nos o termo —, se espiritualiza, o homem — o eterno mártir do homem — escraviza-se, inferioriza-se, bestializa-se num trabalho impróprio da era de civilização e progresso que atravessamos.

Nunca sentimos tanta vergonha de pertencer ao superior, ao nobre género humano como na ocasião em que por nós passa o infeliz homem-besta, arrastando penosamente uma carga que o burro — mais estúpido mas mais humano e altivo na sua teimosia — se recusaria a carregar.

Mas, afinal, leitores, de que servirá a nossa indignação? Há anos publicámos um artigo indignado contra o facto degradante de se permitir que no Parque Mayer um homem servisse de bobo, menos do que bobo, de pim-pam-pum, de alvo a umas bolas que o público alvar lhe arremessava à cabeça, por divertimento bárbaro. Havia um homem que se prestava a essa indignidade e havia outros homens, tão indignos como ele, que permitiam, com a sua ânsia de malfazer, a existência de tão estúpida profissão. Fois alguns dias depois, esse homem apresentou-se-nos, colérico, porque o nosso artigo lhe estragara o negociozinho. Ele era um miserável, um pobre-diabo que encontrara naquela indignidade uma maneira de ganhar o pão de cada dia.

E quem sabe se amanhã esses que andam na rua a substituir as bestas por estricte, dolorosa, comovente necessidade de ganhar a vida — animados da supre-

(Conclue na pag. 12)



T S F... X

UM SÁBADO SENSACIONAL NA COSTA DO SOL

ALEGREM-SE os patriotas, que o turismo em Portugal já é alguma coisa de espantante! Ou não houvesse para o erguer ao seu apogeu mais fulgurante uma Sociedade da Costa do Sol... A fama desta costa luminosa já chegou ao estrangeiro. E atraído por ela, um amigo nosso, um francês que residiu muito tempo no Rio de Janeiro, casado com uma senhora brasileira, resolveu passar em Portugal umas férias de repouso. No sábado último quis iniciar-se nos reclamados prazeres do Casino do Estoril. Depois de jantar, lá foi, com a esposa, antegozando anelante uma noite de inolvidáveis divertimentos. Disseram-lhe, quando entrava, que era preciso pagar. Ora essa, porque não? O nosso amigo entende — e muito bem — que quem quer prazeres paga-os. Dirigiu-se à bilheteira e, para não cair num possível desaire, preveniu-se, perguntando:

— As senhoras pagam?

— Que não, que não pagavam. E o nosso turista, sossegado, adquiriu um bilhete de cinco escudos e... logo o empregado que estava de guarda à porta lhe disse:

— As senhoras também pagam.

O francês ficou um pouco desconsertado mas, como é uma pessoa viajada, culta e delicada, tornou paciente à bilheteira e comentou apenas, timidamente, receoso de ofender:

— Afinal, o senhor enganou-se. As senhoras também pagam...

Efectivamente, pagavam. Mas parece que o bilheteiro não tinha bilhetes bastantes na primeira ocasião. Fôra a correr buscá-los. Agora já os tinha, e a senhora passou a pagar. Entraram, finalmente, os dois turistas, suspirando de alívio e tentando desculpar, porque são amigos de Portugal, aquela *goucherie* de alguns portugueses.

Penetraram num *hall*, onde já se encontravam meio dúzia de circunstantes tristes, com ar de quem esperava alguma coisa. Sentaram-se também e esperaram não sabiam o quê. Mas esse *quê* nunca chegava e, como não chegasse, pensaram em jogar um pedaço para entr-ter. Dirigiam-se à sala de jôgo, mas — sempre um mas — era preciso encher um impresso da lei, o que acharam bem. Acharam, porém, muito mal que, por essa formalidade, pagasse dez escudos cada pessoa. «Pagar para perder dinheiro?» — pensou o francês. E desistiu. Voltaram cabisbaixos ao *hall*. E esperaram com os outros — naquela aldeia dos macacos, como já lhe chamam no Estoril — que aparecesse o tal *quê*. E o *quê* não aparecia. Ao cabo de uma hora lembraram-se que existia um cinema. Aguardaram aquele prazerezinho discreto, mas praz-er... Para lá encaminharam os seus passos. Também era preciso pagar. Não importava. Mas — sempre um mas na Costa do Sol! — no preciso momento em que se resolviam a comprar os bilhetes, a cortina da entrada abriu-se para dar passagem a alguém que saía e os turistas estrangeiros, espregando para dentro, verificaram, com espanto, que a sala estava vazia. Não havia remédio senão voltarem para a «aldeia dos macacos». No tracto, porém, southernes música aos ouvidos. Olá! Ali havia divertimento... Era na sala de jantar. Quiseram logo comprar um bilhete para ocupar uma mesa, mas — o tal mas da Costa do Sol — não havia lugares vagos.

Desalentados, fatigados, quasi desiludidos, tornaram ao *hall* a esperar o *quê*, o tal *quê* que várias pessoas tristonhas pareciam ali aguardar. E o *quê* surgiu ao cabo de algumas horas: era a música da sala de jantar que, condoída do visível acobramento dos habitantes do *hall*, viera dar uma volta tocando em torno da casa. Houve sorrisos naqueles rostos, cintilaram olhos alegremente, bambolearam-se corpos na expectativa de

THOMAS Alva Edison é a figura científica mais representativa do nosso século. É o homem que inventou tudo! A civilização, com o seu



A VIDA ETERNA

aspecto moderno, estonteante, estranho, que causaria morte instantânea de espanto aos nossos antepassados se eles se lembrassem de ressuscitar, nada seria se Edison não tivesse nascido. Edison é, só ele, uma civilização. Possui 1.800 patentes de invenção registadas. O diafragma para o fonógrafo, a telegrafia sem fios (invento que vendeu a Marconi), a lâmpada eléctrica de filamento metálico, mil e uma aplicações da electricidade nasceram do seu cérebro prodigioso. E ultimamente, que nada mais lhe restava para inventar, anunciou que ia procurar descobrir um aparelho para falar com os mortos. «Uma vez realizado este aparelho — declarou ele — ficará descoberto o segredo da vida eterna.» Fechou-se, isolou-se o grande sábio. Sabedores do que ele procurava, inúmeros jovens americanos suicidaram-se alegremente, convictos de que o mestre não falharia nas suas pesquisas e na outra vida seriam eternos porque comunicariam com este mundo.

No momento em que escrevemos, Edison agoniza. Terá ele na mão a chave da vida eterna? Levá-la-á para o túmulo?

um fox, mas — o tal mas — aquele contentamento durou apenas três minutos. A orquestra regressou celerê à sala de jantar, onde por sua vez os convivas começavam a estristecer, e no *hall* quedou apenas um quarteto triste a estristecer mais ainda aquela gente a quem deram uns minutos de esperança para lhe arrancaram definitivamente, irremediavelmente.

Os turistas retiraram-se pelas três da madrugada, cheios de saudades do Brasil...

É isto, amigos, a Costa do Sol, orientada pela Sociedade da dita.

Sabemos que o sr. Fausto de Figueiredo, o homem de iniciativa a quem se devem os grandes, os fundamentais melhoramentos da linha do Estoril, nada tem que ver com a Direcção daquela Sociedade. E pena, porque se o homem que conseguiu criar a melhor linha férrea do país, onde apetece viajar — pela comodidade das carruagens, pela solicitude dos empregados, pela matemática certeza dos inúmeros comboios —, fizesse parte da Direcção daquela Sociedade, não passaríamos pela vergonha de ouvir o maguado relato daquele nosso amigo francês que é, apesar de tudo, um amigo de Portugal.

Senhor Fausto Figueiredo, acuda áquela caricatura de turismo! Livre-nos do ridículo aos olhos dos estrangeiros!

AINDA O «CLUBMAN» INDESEJÁVEL

A «T. S. F... X» da última semana «captava» um rádio do Chiado sob título «Um clubman indesejável»; e — fenómeno pitoresco —, ao contrário do que seria de calcular, surge-nos uma série de indivíduos, radiantes, estuantes de vaidade e a gritar: «O «clubman indesejável» sou eu, sou eu!» e perguntam aos amigos: «Vocês leram? Aquilo era comigo!» E telefonam-nos: «Aquele *gentleman maquerau* a que vocês se referem — sou eu, não é verdade?» Conclusão inesperada: que o caso não se limita a um tipo excepcional, formando, pelo contrário, uma fauna que alastra; e que as suas indignidades, longe de lhes causar, não direi já hemorragias de consciência mas, pelo menos, arripes de pudor, os enobrece, os orgulha, os acalita mais ainda!

Não voltariamos ao assunto, apesar d'êste reflexo imprevisito e agoniante, se não fosse o dever de reparar uma injustiça, não nosa, mas dêsse *alternadissimo* e *reverendissimo* intriguista que é o Ex.^{mo} Sr. Acaso que, com sua Ex.^{ma} Esposa D. Coincidencia, outra velhaca de força, preparou as coisas de fôrma a que pudesse ser apontado como autêntico protagonista do rádio um

moço, freqüentador da «Brasileira», que não me teu prego no assunto. E como são tantos a disputar a honra de serem *souteneurs*, que se poupe o único que não o é nem o quer ser.

ALQUIMISTAS DO DINHEIRO

MAIS saugrias da agiotagem, que bradam aos céus. Desta vez o Shylock shakespeareano modela-se com as curvas gentis de Otélia, personagem do mesmo Shakespearre. Chama-se Dona C. S. M., vive na Rua de S. Julião e o seu juro — uma insignificância — é de 13 a 15 por cento por mês... Mil escudos emprestados em Janeiro sobem a dois mil e oitocentos escudos no mês de Dezembro.

O sr. António Braz, pessoa honesta e cumpridora, que vive na Travessa Nova de S. Domingos, n.º 42, quis acudir a um amigo, em transe aflitivo, e deu-lhe o aval numa letra de 4.500 escudos. O amigo do sr. Braz obtem o empréstimo, mas chega o vencimento e não pôde pagar. Dona C. S. M. chama o sr. Braz a capitulo, e este imediatamente abre a carteira para liquidar a dívida de que é fiador — capital e juros. Mas eis que M.^{me} Shylock lhe revela o montante dos seus juros: 2.700 escudos por quatro meses de um em pate de 4.500 escudos, ou sejam ao todo 7.200 escudos! E digam depois que não existe dinheiro macho e dinheiro fêmea. O dessa madama é fêmea e prolixa. O nosso dinheiro, em compensação, o meu e o teu, leitor, é macho, e sofreu a mesma operação cirúrgica de certos gatos...

OS MELHORES



ALVAIADES

EM MASSA

Depositários Gerais para Portugal e Colonias:
CARLOS CORREIA & C.^a Lda.
Rua Mousinho da Silveira — PORTO

De Lisboa ao Rio de Janeiro por terra

Fantasia que poderiam ser realidades — O célebre túnel da Mancha — Já se quis ligar Gibraltar a Marrocos e o Algarve ao Norte de África como do Rossio por caminho de ferro se poderia ir a Lourenço Marques ou ao Brasil.

DE Lisboa ao Rio de Janeiro por terra? E porque não? Não duvide o leitor, como seu avô quando leu nas obras completas de Júlio Verne as célebres *Cinco semanas em balão*. Sim, o seu avô também sorriu da utopia do literato e, no entanto, tu leitor, tu, neto de céptico desdenhoso dos sonhadores, tens lido que o «Graft Zeppelin» deu a volta ao mundo pelos ares e foi ao Polo Norte, com a mesma facilidade com que tu tomas pacatamente no Rossio um «eléctrico» para a Estrêla.

Talvez essa viagem ao Rio de Janeiro já fôsse possível no nosso tempo, nos nossos dias, se certos entraves da política internacional não se tivessem oposto desde há anos à construção de vários túneis através dos mares que engenheiros têm querido construir. O primeiro grande túnel submarino que se quis construir seria sob o Canal da Mancha, ligando a solitária Inglaterra ao resto da Europa. Ainda há poucos meses o caso voltou a ser discutido em França e na Inglaterra, chegando mesmo a ter eco nos Paramentos dos dois países. Mas a certa altura as atenções foram desviadas noutro sentido e a questão sumiu-se pelo alçapão de um mágico silêncio.

Houve no começo do nosso século um louco entusiasmo pelos caminhos submarinos, amplas estradas rasgadas nas trevas através das quais se lançariam, em vertiginosa correria, as mais poderosas e resfolegantes locomotivas.

Na altura em que a guerra estalou estava um jornal francês publicando um romance admirável de aventuras, escrito pelo novelista alemão Kermann, que versava o assunto de um túnel subma-

ESTA senhora chama-se Kæthe Guendi, é natural de Viena de Austria e julga-se a vidente mais extraordinária que à face da Terra apareceu. Há adivinhas de todos os géneros que o leitor queira: as que num âm-



A “ANTENA VIVA”

biente de mistério vão colocando cartas e mais cartas sobre uma mesa e pelas pintas ou figuras lêem o destino do consultante; as que pelas linhas da palma da mão lêem as viagens que fazemos, os amores que tivemos e os filhos que hão-de chilrear quais passarinhos irrequietos no nosso lar; as que se deixam adormecer num sono hipnótico e adivinham tudo o que sucedeu no nosso passado e acontecerá no nosso futuro. Esta Kæthe Guendi, porém, é de outro género. Intitula-se a ela própria a «antena viva», visto que adivinha na presença de um doente o diagnóstico da enfermidade. E por vezes nem o enfermo precisa vêr. Basta-lhe tocar num objecto que lhe tivesse pertencido para logo diagnosticar, apreendendo as indicações da doença como a antena recolhe as ondas hertzianas. Foi presa, sob a acusação de *escroc*, mas a justiça absolveu-a.

rino gigantesco que ligaria a Europa à América. A guerra cortou esse folhetim a meio. Mas os leitores estavam empolgados. E' que essa fantasia correspondia a uma aspiração quasi mundial. Poder-se ir de Paris a New York por um túnel largo, por onde caminhassem, sem se atropelarem, combóios, carruagens e peões, seria o ideal. O homem é um animal destinado a viver em terra firme. O ar e a água não são os seus elementos naturais. Poder viajar por todo o globo, passar de continente para continente sem navegar nem voar é o seu ideal.

Como a política inglesa, que assenta principalmente no isolamento das ilhas britânicas e no domínio dos mares, se opunha sistematicamente à construção do túnel da Mancha, uma companhia francesa pensou em construir um túnel que ligasse Gibraltar a Marrocos. Poder-se-ia assim passar do continente europeu para o africano sem deixar de pisar terra firme. Aqui ainda a hábil política inglesa fez sentir a sua força destruindo esse projecto. Essa companhia pensou então em ligar o Algarve ao Norte de África mas, por idénticos motivos, este projecto nunca teve realização prática.

Mas imagine-se que essa febre de construções de túneis não havia sido acalmada pela política da potência que via nessas realizações a inutilização de todos os pontos estratégicos que ocupa em todos os mares e continentes. Quais eram os túneis que a Portugal mais conviria abrir sob os abismos oceânicos? Eram os do Algarve para a África e de África para o Brasil.

Pelo o que do Algarve nos ligasse ao continente africano far-se-ia deslizar uma linha férrea sobre a qual locomotivas arrastariam grandes combóios carregados de passageiros e mercadorias, em rectas infinitas.

Num curtíssimo espaço de tempo um

cavalheiro que embarcasse, com a sua bagagem, na Estação do Rossio alcançaria Luanda ou Lourenço Marques. Se quisesse ir para o Brasil, abeirar-se-ia do *guichet* da *gare* e, como quem pedisse um bilhete para Vila Franca, diria batendo as notas no balcão:

— Dê-me um bilhete de ida e volta para o Rio de Janeiro...

Sonhos! Sonhos que já poderiam ser realidade se a secreta política britânica, atenta a tudo quanto possa diminuir o prestígio ou o poderio da rainha dos mares, não soubesse criar na opinião pública dos próprios países onde tais realizações mais aproveitariam fortes correntes contrárias, correntes que inconscientemente chegam a combater o que mais lhes conviria.



Uma guerra num túnel, cena de um romance de Kermann

A invasão da imprensa estrangeira em Portugal



O aspecto estrangeiro de uma tabacaria lisboeta

HÁ poucos anos, só as raras pessoas chamadas de *élite* se davam ao luxo de comprar alguns jornais estrangeiros. E esses jornais quasi nem se viam nos estancos e tabacarias, que os tinham escondidos em qualquer escaninho ou sob o balcão. De longe em longe, aparecia um cavalheiro — sempre olhado com surpresa — que pedia o *Matin* ou *Le Journal*. Se não era um francês, era um português que se dava ares de intelectual, de pessoa conhecedora de assuntos internacionais. As poucas tabacarias que expunham *magazines* ingleses, jornais como o *Times*, o *London Opinion* ou o *Daily Mail*, eram a Mônaco, no Rossio, onde cavaqueavam à noite alguns cavalheiros sisudos que conheciam os segredos do Estado Russo e não ignoravam a emaranhada política dos Balkans, e os cubículos que iadeiam no Café Royal, frequentados por toda a espécie de estrangeiros que ali procuram os jornais mais esquisitos, mais distantes e mais variados. No resto da cidade era difícil encontrar um papel impresso em língua estrangeira.

Mas depois da guerra a população estrangeira aumentou consideravelmente em Lisboa, contagiando o português da febre de leitura de *magazines* e ilustrações inglesas, alemãs e francesas. As outras tabacarias, principalmente as que se debruçam nas margens dos «cafés», começaram a ilustrar as ombreiras das suas portas e os tampos dos seus balcões com mil e uma publicações diferentes, vistosas, pedradas de bonecos coloridos, atraentes, que os transeuntes, mesmo que não conhecessem o idioma em que elas eram escritas, sentiam o apetite de comprá-las. E nasceu em Portugal o vício do jornal estrangeiro.

Veio em seguida a invasão dos jornais e revistas espanholas. A antiga *Esfera*, que vendia alguma coisa em tempos por causa dos bonecos e da reprodução de quadros de vários museus, cedeu em breve o seu lugar ao *A B C* de Madrid, que era quasi tão barato como os diários portugueses e publicava além disso magníficas gravuras. A imprensa portuguesa, cercada a sua acção por mil e um factores — uns de ordem moral, como o analfabetismo da grande massa da população; outros de ordem material, como a carestia do papel e a

falta de maquinismos aperfeiçoados —, não podia opor à invasão estrangeira uma oposição séria. Ao *A B C* de Madrid, sucederam-se em popularidade, sobretudo devido aos acontecimentos políticos e sociais de Espanha, *El Sol*, *Libertad*, *La Voz*, *La Estampa* e, ultimamente, *Ahora*, que vende tanto em Portugal como alguns diários portugueses.

A ordem da expansão da imprensa estrangeira em todo o nosso país é a seguinte: *Ahora*, 6.000 exemplares; *Estampa*, 3.000; *A B C*, 2.500; *Miroir des Sports*, 2.300; *Cinémonde*, 2.200; *Libertad*, 2.000; *Detective*, 1.900; *Police Magazine*, 1.700; *Times*, 500; *Saturday Times*, 300; *Berliner Tageblatt*, 300.

Nesta leve estatística não entram muitas publicações que possivelmente terão entre nós grande tiragem, que não conseguimos apurar.

Estes números, estes factos que apontamos, esta invasão que dia a dia se acentua, é um perigo para a imprensa portuguesa. Sobre tudo a imprensa de especialidade, como a de desporto, de cinema, de teatro, asfixia sob o peso esmagador de uma imprensa estrangeira melhor apetrechada graficamente, dispondo de uma enorme expansão em todo o mundo. Para essa imprensa, o que vende em Portugal é uma gota de água no oceano; mas essa gota que aos outros não aproveita constitui um entrave enorme para o desenvolvimento das publicações portuguesas.

O maior bandido do mundo



UM jornalista americano que veio à Europa comissionado pelo «New-York Tribune» de uma série de artigos sensacionais iniciou o seu trabalho por uma emocionante reportagem

sobre o banditismo europeu em contraste com o da América. Foi com patriotica tristeza que ele chegou à conclusão de que o maior bandido do mundo nos últimos cem anos não era o seu compatriota «Jym Black», morto em 1908, com um passado de cento e oitenta e duas mortes, mas sim um europeu, um italiano. Chamava-se Giovanni Tolu e era natural da Sardenha. Cometeu o primeiro crime aos vinte anos, em 1850, assassinando um padre que o censurava pelas suas levandades. Nesse mesmo dia matou três gendarmes que o perseguiram. Até 1893 dominou os campos e as florestas da Sardenha como um rei absoluto. As suas vítimas estão calculadas em 240... Em 1894 apresentou-se na sua aldeia, casado e com numerosa prole. Não se sabe porquê, a justiça não o prendeu. Morreu burguesamente em 1905, cercado por doze netos e oito filhos e deixando uma fortuna quantiosa...

O homem

NO dia 6 desembarcou no Cais de Santos, em Lisboa, um *gentleman* algo tiszado, dum moreno lustroso de cigano, olhos faúlhenos, um buço à *Sir Disraeli*, agora em moda, e uma cabeleira tão acamada, *pompadée* e negra que parecia uma chapa metálica, reluzente, adaptada ao crânio. Hospedou-se no «Palace»... Ignoremos o nome com que se registou no hotel. Evoquemos apenas o nome pelo qual é mundialmente conhecido: *Cjak-Humini*.

Se o leitor costuma folhear a imprensa estrangeira, que faça desfolhar pela mente todos os anúncios clássicos e infalíveis dos jornais e revistas francesas, inglesas, alemãs... O do abade alemão que cura 52 enfermidades, graças ao seu jardim milagroso...; o das pílulas orientais que trazem nas suas minúsculas entranhas o escorpo grego que transforma os peitos mais descarnados e vazios em seios de Phryné; o daquela droga que agiganta os corpos à medida solicitada pelos liliputianos entristecidos pela sua pequenez; o dos adubos capilares que mal pingam umas gotas sobre as calvas, lisas como charneças, logo brotam vicissas de guedelhas de poeta, grenhas de sábio, madeixas de tenório...; e dos *fakirs*, dos magos, dos que lêem o futuro e o passado e o presente e que evitam a fatalidade como cancela a passagem do nível e indicam o caminho da ventura, como agências Cook de todos os paraísos. Pois bem: é entre este último que é hábito publicar-se o retrato de um jovem oriental, de *fez* cónico e vermelho, que fita os leitores numa expressão de desafio, e sob o qual se lê o seguinte:

Profeta persa — Cjak-Humini — Único no mundo. Este homem possui o segredo da tua felicidade. Escreve-lhe hoje mesmo mandando-lhe um shilling para despesas da resposta: Paul House — Norfolk St. 33 London. W. E.

Este «negócio» por anúncios é mais sério do que se pensa. Digo sério, não no sentido de honesto (isso poucos o são, se alguns, além de *Cjak-Humini*, o *fôrem*) mas sim no de lucrativo. Em Portugal não é possível, pela estreiteza do meio, manter-se muito tempo o mesmo «truc». Recordo-me apenas do dos «postais», do de «50 escudos diários ganhos na própria casa», dos de alguns cartomantes e o de um espanhol que, há já bastantes anos, anunciou em Lisboa uma sucursal do Porto do fantástico «Club de New-York». Este oferece milionárias, primas do Rei do Sabão, a filha do Rei dos Botões, todas jovens e belas e que estão mortinhas por casar com um português valente, mesmo que não seja nem jovem, nem formoso, nem rico. E são inúmeros os patetas que fazem bicha para apanharem noiva deste quilate, desembolsando os 20,30, 50 e 100 escudos que o «Club of New-York» vai exigindo para despesas de correspondência. Mas o modelo perfeito da trapaça por anúncio é o de «Instituto de Magnetismo» de Bruxelas, que a polícia belga fechou e sobre o qual «Le Neptune» de Anvers realizou uma pitoresca reportagem.

O fundador do instituto chama-se Henry Von Weyler. Em 1910, este cavalheiro, farejando que estava em moda, entre os rapazes de todos os continentes, a arte de hipnotizar o próximo, iludidos de que, possuindo o segredo dos Inaudi e dos Crassos, podiam conquistar a fortuna, as mulheres, todas as venturas, começou a publicar... no estrangeiro o seguinte anúncio: «*Quereis dominar o vosso semelhante? Vencer nos amores, nos negócios, na vida? Matriculai-vos no Instituto Belga de Magnetismo.*»

Vejam agora a mecânica de Von Weyler. Ele só anunciava nos jornais estrangeiros, em séries de 10 anúncios, mudando constantemente de país

que vende a felicidade por anúncio

(embora anunciasse em 2, 3 e 4 países simultaneamente) e só voltando a aparecer na mesma terra quando calculava que os burlados dos anúncios anteriores já o tinham esquecido. Dava um endereço: «Rue Royal, 53». Mas logo que um ingénua lhe respondia ao anúncio, pagando-lhe os 2 francos exigidos para a resposta, o Instituto, em P. S., informava que, pela necessidade de desenvolvimento, tinha adquirido um palácio e que, enquanto não se normalizassem os novos serviços, toda a correspondência devia ser dirigida para a Caixa do Correio n.º... Bruxelas. Desta forma evitava a presença e os máis encontros, caso algum dos burlados, mesmo estrangeiros, se lembrasse de aparecer. Von Weyler alugara um quarto na Rue Royal, por meio de agência, sem nunca ter aparecido ao senhorio nem à porteira, embora gratificasse esta indirectamente. O quarto estava vazio, e a corres-



Homens que vendem a felicidade

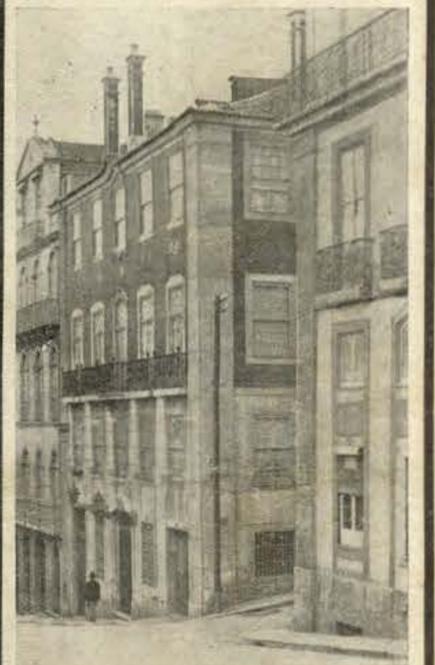
pondência era guardada por ela. Em resposta à primeira carta e aos 2 francos, mandava ao futuro aluno uma brochura... que o hipnotizava, ilustrada com «fotos» sugestivas, experiências... de clientes da Austrália (que eram feitas pelo próprio Weyler, em família, em Rotterdam, visto que o cavalheiro não queria habitar a Bélgica), e dum circular em que prometia a revelação do segredo... contra 20 francos. A maioria deixava-se trapaçar; e dos 20 francos passava aos 50; dos 50 ao 100, revelando uma ponta do mistério, mas deixando sempre para a próxima lição... a chave do segredo. Quando, por fim, aos 50, aos 100 ou aos 200 francos, o burlado perdia a paciência, Von Weyler caía... em hipnose, e por mais cartas, insultos e ameaças que recebesse, já não tornava a responder... Segundo informa a «Dernière Heure», o burlão mantinha este negócio há... 21 anos! Ultimamente atraía, graças aos seus anúncios, incautos da Guatemala, da Pérsia e da Bulgária. Raro era o dia em que não recebia 500 a 800 cartas. Espertalhão, não queria estranhos no trabalho. Eram os filhos, a mulher, os sobrinhos que o ajudavam. Vivia como um príncipe, na Holanda, e como estava apenas a 2 horas de Bruxelas, mantinha, cada semana, um filho na capital belga. A missão desse filho era enviar todas as tardes um portador diferente e inconsciente à porteira da Rue Royal, 53 receber as cartas e deitar no correio, com selos belgas, as respostas que o pai enviava, empacotadas, de Rotterdam. Calcula-se a sua fortuna em centenas de milhar de florins. A polícia procurou-o... mas ele, avisado a tempo, está disfrutando a sua fortuna em lugar seguro...

Cjak-Humini é outra louça... Este pratica a sua indústria à luz do dia. Persa e filho de boas

Um relógio misterioso

O romance de amor do célebre Andersen em Lisboa

CONFESSO que não sou um amador do *bric-à-brac*. Daí o não ter notado nunca aquele velho relógio, graúdo como um pires, acorrentado por um cordão dourado a uma bolsa de veludo vermelho, que estava e está em exhibição, entre jarras chinesas, leques do século XVII, caixas de rapé e outras antiguidades, numa vitrine da vizinhança da Trindade. O amigo que



Na esquina de baixo: casa na Rua das Flores onde Andersen esteve hospedado em 1864

me acompanhava e que foi quem chamou a minha atenção para esta velharia exposta disse-me: «Não adivinhas a que celebridade da literatura mundial esta joia pertenceu...?» E como eu me declarasse sem virtudes proféticas de mago, explicou-me: «Este originalíssimo relógio — original e precioso — vale alguns contos, foi oferecido ao mais famoso dos contistas escandinavos — Andersen — por um relojoeiro suíço e oferecido, por sua vez, por Andersen a uma portuguesa ilustre...»

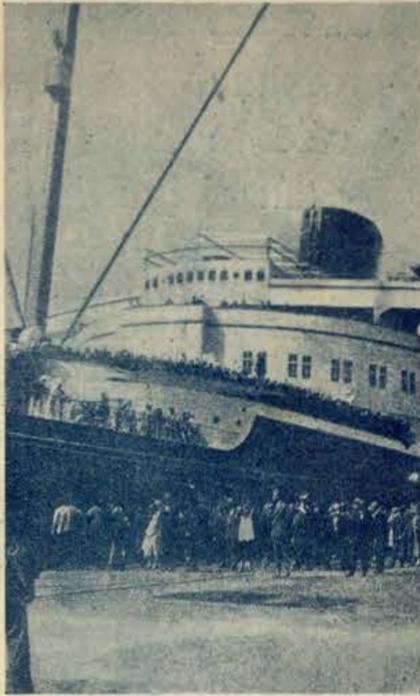
Surpreendi-me. Onde fôra que Andersen conheceria essa dama lusitana?

— Mas em Lisboa! — informou o meu amigo. — E' um facto ignorado mas verdadeiro. O grande contista dinamarquês viveu muitos meses entre nós, hospede de Jorge O'Neil pai, que habitava então na Rua das Flores e era cônsul da Dinamarca... Tem a sua história, o seu romance, esse velho relógio.

E contou: «Andersen era filho de gente muito pobre e modesta. Quis ser artista... Chegou a representar rúbulas... Bruscamente sentiu-se atraído pelas letras. Publicou um

(Conclue na pag. 12)

AZEBITE
SANTA CRUZ
O melhor para mesa
RUA DO ALMADA, 179-1.º
TELEPHONE 4697 — PORTO



Um grande transatlântico, no cais de Alcântara

contro com o «rato dos transatlânticos». Depois desse encontro, tudo quanto minuciosamente apurei da vida trepidante, aventureira e sensacional desse homem extraordinariamente culto e inteligente foi obra de investigações pacientes e aturadas, de pormenores dispersos que, dia a dia, fui acumulando, num esforço silencioso, subterrâneo, até alcançar a almejada meta desta reportagem. Enganam-se todos aqueles que imaginam que uma reportagem é fruto de umas horas de observação e estudo. Quando o jornalista é consciencioso e não desdenha os trabalhos difíceis, a reportagem é, por vezes, mais lenta e trabalhosa na reunião dos materiais que devem constituí-la do que um romance de quinhentas páginas. E, afinal, tanto trabalho, tanta canseira e, quantas vezes, tanto perigo para escrever algumas mil palavras em duas páginas de jornal que se lêem de afogadilho e depressa esquecem...

Pois, como ia escrevendo, foi o Lacerda, que é empregado em uma das mais fortes agências de Lisboa, quem me proporcionou esse encontro, convidando-me, por uma manhã de Setembro de 1924 ou 25, a visitar o grande transatlântico *Arlanza*, que chegava ao nosso porto nesse dia. Ele está, felizmente, vivo e são para testemunhar a veracidade do que vou escrever.

NO «BAR» DO «ARLANZA»

Não sei se sabem o que é por dentro um transatlântico, desses que atravessam os oceanos em carreira vertiginosa, os largos canos muito iguais, gémeos, levemente inclinados para trás, como se a pressão de ar provocada pela corrida louca os vergasse, com uma espécie de casario agrupado em blocos brancos, que lembram certas cidades marroquinas, encastelado no alto do costado negro e imponente. Não sei se os senhores sabem o que são essas Babilónias flutuantes vistas por dentro. Se não sabem é porque não conhecem o Lacerda, o velho amigo que me levou há uns seis ou sete anos a bordo do *Arlanza*.

O RATO DOS TRANSATLÂNTICOS

Uma visita ao «Arlanza» — Em que surge pela primeira vez o «rato dos transatlânticos» — Uma viva inteligência e uma extraordinária cultura — A caminho do Oriente — Uma rendosa mancebia — Vida de «mandarim» — Contrabandista de ópio — Budista por passatempo — Um nababo a bordo do «Roma» — «Dollars» falsos — No «Sierra Morena» — Uma alemã tentadora — Um colar que desaparece — Um emigrante português acusado de ladrão — Uma absolvição milagrosa — E o colar? — Onde está o «rato dos transatlânticos»?

Nesse tempo os transatlânticos daquela categoria não encostavam, como hoje, ao cais de Alcântara. Ficavam boiando ao largo, bojudos, impantes da sua grandeza magestática, entre Almada, banhada de luz, e o Cais da Desinfecção. Quando o entrámos a bordo, Lacerda cumprimentou logo muita gente conhecida, velhos amigos de horas, que ele vê de longe em longe e que, sorridentes, se apressam a levá-lo ao bar, to take a drink. E, como eu era amigo do Lacerda, o convite para uma bebida estendeu-se amigavelmente à minha pessoa, o que delicadamente... aceitei.

E enquanto a loura cerveja espumava no balcão alto do bar, um bar elegantíssimo e civilizado de grande hotel moderno, que nos fazia esquecer que vivíamos naquele momento sobre águas transparentes e traiçoeiras, dei-me, por vício profissional, a estudar a *entourage*. Dispersos pelas mesas viam-se alguns viajantes, a quem uma visita

a terra não provocava alvoroço. Eles, louros, cachimbo ao canto do lábio, olho cismático, fixo no whisky and soda, em *La Prensa*, de Buenos Aires, ou no *Sunday News*; elas, magras, olho azul, espreitando desconfiadas o negro que era eu e talvez dispostas a apresentar um protesto indignado ao cônsul inglês em Lisboa por se deixar entrar um preto no santuário dos brancos, mesmo de côr duvidosa, como a de um brasileiro rico que, a um canto, ostentava um alvo fato de linho,

uma espécie de sapatos de *tennis*, reforçados a couro amarelo, que diziam muito bem com uma camisa côr de rosa. Interrompeu este minucioso exame a chegada de uma nova personagem: um rapaz dos seus trinta anos, mais alto do que baixo, de uma elegância sóbria, face aberta, simpática, olhar vivo e inteligente, lábios finos entreabertos num sorriso acolhedor.

Lacerda, muito meridional nos gestos, apesar do seu rosto nórdico, abriu os braços de par em par e soltou uma exclamação atrojadora que atraía as atenções contrariadas dos cidadãos fleugmáticos que tomavam, imperturbavelmente, bebidas.

— O' Albuquerque! Você já de regresso?! De onde? Do Pará?!

O Albuquerque (ocultamos o seu verdadeiro nome porque o nosso herói é vivo e está em Portugal neste momento) deixou correr abundantes as exclamações do meu amigo Lacerda e, mal estas estancaram, respondeu em voz lenta, bem timbrada, levemente imperiosa:

— Desta vez fui mais longe. Venho de Buenos Aires. E não me detenho por cá. Vou até Berlim. Preciso de conversar com o nosso amigo Einstein. As suas teorias estão absolutamente erradas. A relatividade é uma cantiga. A relatividade não passa de uma invenção humana. Só o absoluto existe. Tudo é absoluto—mesmo o que nos parece relativo.

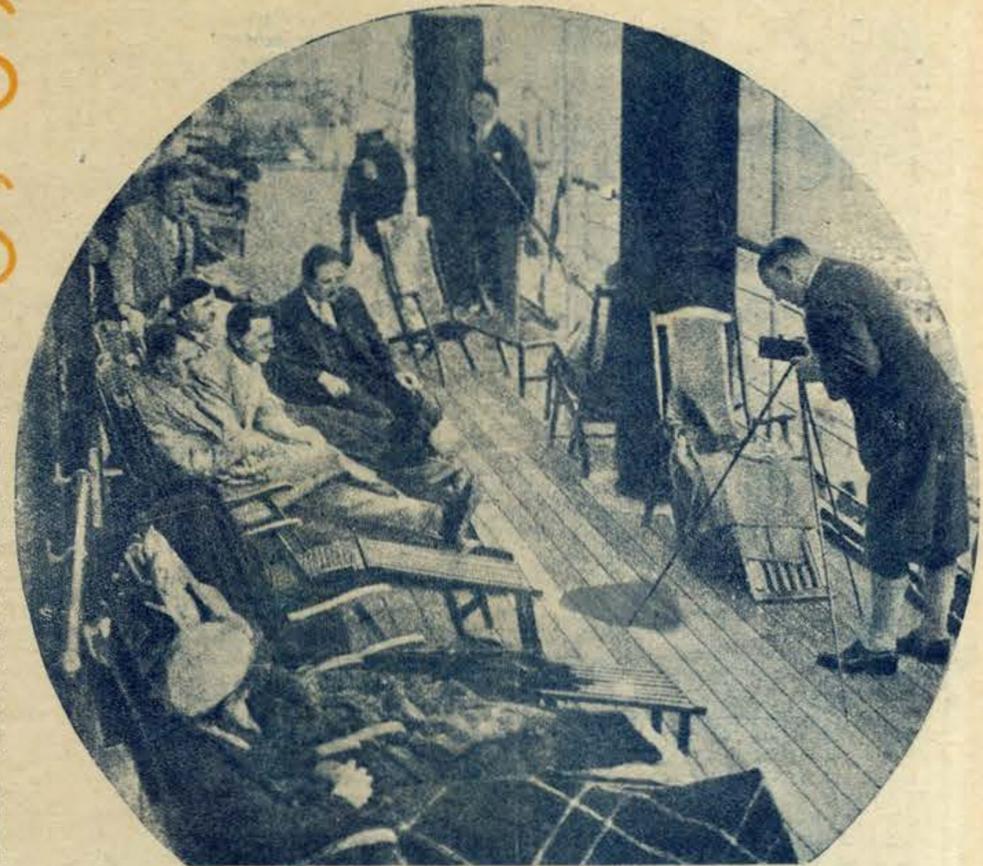
Abancámos perante mais uma «roda» de cervejas — boas e transparentes cervejas que só bebemos em Lisboa pagas a peso de ouro. A *verve* do Albuquerque era inesgotável. Durante mais de meia hora brincou, como um garoto traquina, com as mais arrojadas teorias científicas, ridicularizando-as, abalando-as a piparotes de ironia, derrubando-as com o sopro da sua graça irresistível. Mas que vasta cultura revelava aquele homem! Que penetração e clareza de inteligência! Que prodigiosa agilidade mental!

Quando se retirou, deixando um rastro de encanto, de sedução e de espanto, não resisti a perguntar ao Lacerda:

— Quem é este homem?

Lacerda hesitou na resposta. Olhou em tórno, não o escutassem ouvidos portugueses, e, baixando a voz, murmurou:

— É o «rato dos transatlânticos»... O português que mais viaja...



A PRIMEIRA AVENTURA

Manuel Francisco de Albuquerque, chamemo-lhe assim embora ao seu verdadeiro nome não correspondam senão as iniciais, terminou o seu curso de Direito, na Universidade de Coimbra, em 1918, com 24 anos incompletos. A grande inteligência, a extraordinária perspicácia que revelara exuberantemente nos seus tempos de estudante (ainda há poucos meses em Coimbra me falaram das suas proezas, hoje proverbiais) desenvolveram-se por forma espantosa na vida prática. Filho de uma família consideradíssima da província, conseguiu, pouco depois da sua formatura, uma missão oficial ao Oriente. O Oriente eram os seus sonhos de rapaz, e esses sonhos não tardou em realizá-los.

Partiu de Lisboa para Marselha, onde devia embarcar para o seu longínquo destino, em Fevereiro de 1919. E logo no decorrer dessa viagem iniciou as suas aventuras de «rato dos transatlânticos».

Viajava no mesmo navio uma senhora inglesa, *Lady Mary Mac Horn*, que ia juntar-se a seu marido, que ocupava um alto posto na Índia britânica.



Manuel Francisco de Albuquerque, aos 18 anos de idade

Durante os dias fastidiosos da longa viagem, Albuquerque tecia um *flirt* discreto, no tomadilho, com a linda inglesa. Ela, além de linda, era rica. Através dos calores do Mar Vermelho e na passagem traçoira do Equador, caíram como amantes nos braços um do outro. Qual era a mulher que poderia resistir à masculinidade, à elegância sóbria e mágica sedução da palavra do Manuel Francisco de Albuquerque? Na Índia, *Lady Mac Horn* não se deteve, como era seu dever. Prosseguiu a viagem

nos braços do seu amante. Para o marido, que a esperava, fôra expedido previamente, do Suez, um telegrama dizendo que *Mary* perdera o vapor e seguiria no seguinte. Ela seguiu, sim, no mesmo paquete mas para Hong-Kong. Albuquerque queria penetrar na alma da China, e *Mary*, penetrada do amor dele, quis acompanhá-lo, para fazerem juntos, na China misteriosa, uma autêntica vida oriental. Era ela, porém, que generosamente andava com todas as despesas, não sem que Albuquerque, desinteressado mas prudente, fôsse guardando, aferrolhando para si, e em segredo, uma bonita percentagem.

De Hong-Kong passaram a Shanghai, onde Albuquerque fez uma vida luxuosa de *mandarin*, adaptando-se aos costumes chineses, envergando os seus trajes mais característicos, aprendendo o idioma e convertendo-se, por passatempo, ao budismo. Durou esta existência tanto tempo quanto duraram os meios pecuniários da ilustre senhora. Terminados estes começos ela a aborrecer-se. Ele, então, para não a contrariar, porque a estimava muito, disse-lhe simplesmente:

— Regressa ao teu marido, de quem já deves ter saudades. Eu sinto-me chinês; portanto, fico.

Ela partiu e ele ficou mais uma temporada a ganhar muito dinheiro no contrabando de ópio. Esquecido de que havia partido de Lisboa com uma missão oficial para Macau, Albuquerque deixou-se viver dois anos naquela existência aventureira e exótica de contrabandista de ópio. Enriqueceu, tornou-se mesmo muito rico. Assaltou-o, novamente, a atracção pelas grandes viagens e, porque o caminho era mais pitoresco, foi pelo Japão para a América do Norte.

Enquanto percorreu a América não se sabe a que modo de vida se entregava. Sabe-se que um dia partiu de New York para Lisboa e que...

OS «DOLLARS» FALSOS A BORDO DO «ROMA»

... Que um nosso amigo velho — velho na amizade, embora novo nos anos —, Gastão Sérgio, que

(Conclue na pag. 13)

CIDADES FUTURISTAS

DEPOIS da guerra, a despeito da mortandade catastrófica de quatro anos de batalhas exterminadoras, as grandes capitais viram aumentar fabulosamente as suas populações. E que os campos despovoados e sobre as cidades marchava a legião daqueles que julgavam vir encontrar no comércio e nas indústrias, que trabalhavam à sobre posse e lutavam com falta de braços, a fortuna rápida e uma velhice repousada à sombra de fartos rendimentos. A especulação gerada pela alta constante dos preços de tudo, atraindo essa gente às cidades, como bandos de mariposas cegos pela luz que há-de aniquilá-los num auto de fé trágico, gerou um agudo problema urbano: a crise de habitação.



Vivendas baratas nos arredores de Leipzig, com capacidade para 600 famílias

Os municípios de todo o mundo lutavam por solucionar a. Era preciso arrumar toda aquela multidão no limitado espaço de uma cidade ou, quando muito, nos seus subúrbios. Foi na Alemanha que a crise mais fortemente se sentiu, dando lugar a leis de inquilinato de carácter quasi soviético, pois chegou-se a decretar, e a cumprir, que todas as pessoas que tivessem mais de uma habitação cedessem uma para as que não tinham abrigo e todos os ricasos que tivessem palácios com muitos compartimentos considerados supérfluos, nestes acolhessem quem ivesse necessidade imperiosa de habitar. Mas estas medidas violentas não resolviam o problema. As populações aumentavam sempre. Só havia uma solução: construir. Construir por forma a alojar o maior número possível de famílias no mínimo espaço e em boas condições de higiene. E os arquitectos alemães, que aliam a uma arrojada concepção de arte — uma arte severa e sóbria, que se impõe

como a dos grandes e ignorados construtores egípcios — uma noção perfeita da vida prática, souberam resolver o problema em todos os sentidos: o utilitário, o higiénico e o belo.

Os pedaços novos das cidades alemãs oferecem hoje ao forasteiro um aspecto de beleza inédito aliado a uma sensação de limpeza assombrosa. O ar e o sol penetram livremente nos novos sistemas de construção, porque os blocos de casario são delgados, fendidos por amplas janelas, possuindo jardins para as traseiras. Dão um aspecto de cidades futuristas, como certos desenhos esquisitos traçados por artistas ultra-modernos. São verdadeiras cidades cubistas.

Um dos aspectos mais bizarros dos novos bairros alemães é-nos dado pelo grupo de vendas que reproduzimos, construído nos subúrbios da cidade de Leipzig. Lembra vagamente uma praça de touros. Nesta estranha arena, que o ar e o sol penetram livremente, podem alojar-se à vontade seiscentas famílias. Inspirado neste exemplo, o Município de Lisboa poderia experimentar a construção de um bairro operário, barato e higiénico, mesmo próximo do centro da cidade — onde ainda existe bastante espaço livre —, evitando que a capital se alargue demasiado, como está sucedendo actualmente.

E na época que decorre, particularmente difícil para as classes laboriosas, tal iniciativa seria acolhida com geral agrado.

Al Capone na alta política e na alta finança

Os segredos da vida do «Rei do Crime», revelados pelo bailarino português Bette Henriques, amigo pessoal de Al Capone.

RESUMO DAS ANTERIORES REPORTAGENS

Bette Henriques, um bailarino que Lisboa conheceu no início da sua brilhante carreira, emigra para os Estados Unidos, triunfa plenamente e é convidado a trabalhar no célebre «cabaret» de Chicago, «Colosimo's», máxima aspiração de todos os artistas. Na noite da estreia o gerente apresenta-o ao «patrão», e, com grande surpresa de Bette, o «patrão» é Al Capone em pessoa. O «Rei do Crime» mostra grande simpatia pelo nosso compatriota, que, pouco a pouco, vai devassando os segredos da casa comunicando-os ao «Reporter X». Descobre, por exemplo, que um grande número de policemen e detectives estão aliados a Al Capone e vão todas as noites bebericar às escondidas whisky e cerveja, entrando pelas portas misteriosas do «cabaret». O gerente conta-lhe os antecedentes do banditismo de Chicago, como Al

Capone se apossou da chefia da Associação Secreta dos Trabalhadores italianos — espécie de Maffia; como organizou o seu exército de «pistoleros» e todo o bando que o cerca; como espia os seus sicários e como castiga as traições, evocando a tragédia de Silver Street, onde os seus homens chacinam, em plena cidade, quarenta adversários e matam o chefe, ex-lugar-tenente de Al Capone. Este é preso mas logo posto em liberdade graças à protecção de um deputado que declara que o teve como hóspede, no seu palácio, à mesma hora em que se dava a batalha.

O SUBORNO E O TERROR

Al Capone já declarou publicamente que sentia pelos políticos, financeiros e banqueiros o mais activo dos desprezos. «Os políticos deste país — disse — são, na sua maioria, piores do que eu, gozando de uma protecção e impunidade superiores à que eu gozo; quanto aos outros, roubam e exploram pobres e ricos e nunca dividem os lucros pelos pobres. Eu, em compensação, só prejudico os ricos e não têm conta as misérias com que eu tenho acabado, a fome que tenho evitado, as famílias que eu sustento.»

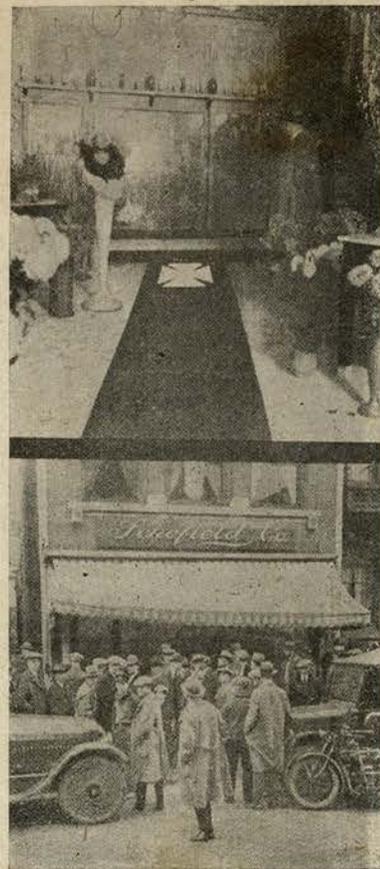
A verdade é que ele os divide em três categorias: os que domina e compra, ajudando-os a vencer, pelo dinheiro ou pelas manobras em troca de serviços que lhes exige antecipadamente; os que domina e ameaça com as suas ameaças, obrigando-os, à força, a servirem-no e a... fornecerem-lhe o dinheiro que lhe apetece; e os que reagem, os que são comprovadamente injustos e cruéis e que ele castiga com a máxima severidade.

Três episódios podem ser evocados, exemplificando essas três categorias. Pouco depois da batalha de Silver Street realizavam-se as eleições de deputados para a Federação. Entre os propostos, dois estavam gravemente ameaçados de derrota, pela sua independência. Um deles era Max Reid. Al Capone propôs-lhe o pacto: garantia-lhe a eleição e em troca ele atacaria, no Parlamento, as grandes verbas extraordinárias que o governo, a pedido da burguesia de Chicago, solicitava para intensificar a luta contra os traficantes do álcool e outros inimigos da «Lei Seca». O argumento que o próprio Al Capone inspirou a Reid para mascarar, na Câmara, a verdadeira razão da sua atitude: era o seguinte: «Essa lei violenta e desastrosa já nos causa exagerados prejuízos e gastos e não podemos, em sua defesa, exigir maiores sacrifícios ao Tesouro, ou seja à Nação!»

Reid aceitou o pacto e Al Capone começou imediatamente a teclar todo o organismo secreto do seu império, gastando sem regatear para garantir a candidatura do seu aliado. E este tão confiado estava na vitória que, a pesar de não se sentir exteriormente o menor reflexo da manobra de Al Capone, se mantinha de braços cruzados, sem sacrificar o menor esforço em seu próprio favor... Tolo seria se, tendo quem agisse com mão firme e bolsa cheia, não se poupasse regaladamente... Chega o dia das eleições; Reid bebia já em sua honra, cercado pelos velhos amigos, que eram poucos, e pelos novos, que eram muitos e que se tinham abeirado dele ao saberem que Al Capone trabalhava em seu favor, quando alvitreiros vieram perturbar a festa, anunciando a sua derrota e a vitória do deputado Bright, o que de todos os candidatos dispunha de menos probabilidades de ser eleito... Pasmado até à incredulidade, Reid telefona a saber se a notícia é verdadeira. Confirmada ela, pergunta quem é que conseguiu descastelar a maquinaria montada por Al Capone.



O «astorista» e a esposa — dois traidores que pagaram bem caro a traição



O local do crime (interior e exterior)

—«Mas foi o próprio Al Capone, a sua gente, o seu dinheiro e o seu jôgo secreto quem fez com que V. perdesse e Bright ganhasse!» — informam.

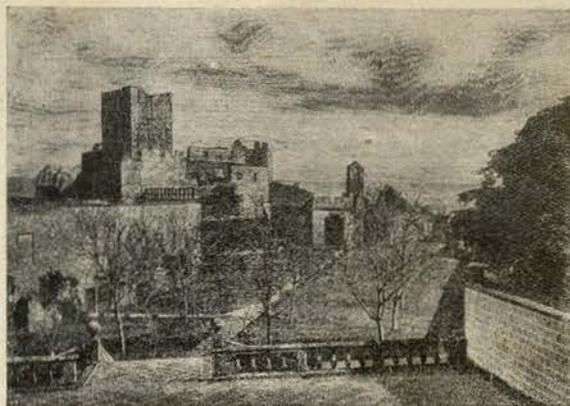
Reid caiu numa cadeira, pálido e amedrontado não só pelas consequências imediatas da sua derrota mas, sobretudo, pelas futuras. Ah! Ele compreendia bem a causa da reviravolta do seu aliado e arrepentia-se amargamente de se ter julgado o mais esperto dos dois. E' que ele, Reid, como Fausto ao vender a alma a Satanaz, premeditara não cumprir o pacto, logo que saísse eleito! Uma vez na Câmara defenderia não os interesses do «Rei do Banditismo», mas sim o dos inimigos deste, na certeza de que estaria suficientemente blindado contra todas as vinganças de Al Capone quando este quisesse castigá-lo ao vêr-se burlado. Mas Al Capone, pouco depois de iniciar a sua manobra em favor de Reid, descobre a trapaça e em silêncio muda de rumo, assina o pacto com Bright e deixa Reid na doce ilusão de ser o mais velhaco, até ao momento de o derrotar!

Mas não se limitou a essa partidinha o castigo de Al Capone. Passados dias Reid recebe uma intimação: ou é o indemnizava de todos os gastos feitos no jôgo eleitoral de Bright, que somavam 1.000.000 de «dollars», ou... As reticências eram eloquentes. Reid, fiado não sei em que utópicas esperanças, tenta resistir. Recebe segunda intimação, e nesse mesmo dia uma bomba destroi-lhe uma das suas mais importantes fábricas de motores. Não espera pelo terceiro aviso... Paga, sem recalitrar, a quantia exigida, e Al Capone deixa-o em paz... e Reid nunca mais pensa em floretear espertezas com Al Capone. A lição saíra-lhe cara...

OS OUTROS ALIADOS

Se Al Capone ganha milhões; se a sua fortuna é das mais sólidas na terra dos arqui-milionários,
(Conclue na pag. 12)

Existem ainda Templários em Portugal?



Castelo dos Templários em Portugal

Inesperadas revelações de um historiador alemão.

EXISTE uma História de Portugal que está por fazer: a que se refere aos bastidores da própria História, ao dinâmico secreto que ritmou, numa série de coincidências aparentes, todos os grandes acontecimentos nacionais, os graves e os gloriosos, as fatalidades e as venturas. O Acaso não poderia nunca revelar tão profunda cultura na geometria exacta com que se ergueram as montanhas e se cavaram os abismos do passado... Fi-

xando o olhar nessa linha sinuosa, que nasce com a própria nacionalidade e que leadeia a evolução e a decadência até aos nossos dias, pressentem-se uma vontade, uma conjura, uma ciência e uma força gigantescas e invisíveis! Cochicham-se nomes, evocam-se seitas, artes herméticas; fala-se numa sucessão de poderes ocultos, ora no apogeu, protegidos e protegendo Portugal e os seus reis e os seus governos, ora enfraquecidos, hostilizados pelos reis ou pelos governos e arrastando os governos e os reis e a pátria na sua queda... Os neo-conservadores atribuem à Maçonaria esse imperialismo secreto sobre todos os factos de relevo que se registaram na vida portuguesa, vendo na Maçonaria uma peça solta desengrenada na sucessão dessas forças invisíveis.

Outros opinam de modo diferente. Existe de facto uma sucessão — formando como que uma coluna vertebral — composta de ordens secretas, cujo poderio nasce da posse de um segredo, não

(Conclue na pag. 13)

TEATRO TRÁGICO

A guerra na Literatura e no Cinéma — O despertar do Teatro — Um autor que morre de emoção a vêr representar a sua obra — «O milagre de Verdun» — A ressurreição dos mortos da guerra — Um cortejo macabro para o mundo dos vivos — Os mortos batem à porta dos seus — Ninguém os quer, ninguém lhes abre a porta — Incidentes dramáticos entre os espectadores.

N ESTES últimos anos, a guerra, que foi a maior tragédia de todos os tempos vivida pela Humanidade, inspirou à Literatura e ao Cinéma os temas de vibração mais intensa, de emoção mais aguda e assombrosa que se podem conceber. Os livros de Remarque deram o sinal de partida. A *L'ouest rien de nouveau* foi o grito de alarme para a largada alucinante de novelistas e *metteurs-en-scène* invadirem o mundo da arte com o troar dos canhões, o abater das trincheiras, o despedaçar de aviões contra o solo em chamas, o derruír das catedrais e o arrasas das cidades. Vieram o *Quatro de infantaria* com as visões mais espantosas da dor humana, o *Après*, doloroso e sinistro, de uma tragédia tão íntima, tão pessoal que parece que fomos nós que assistimos ao destroço da nossa própria existência. A Literatura e o Cinéma enveredaram assim francamente pela tragédia. O dramazinho novelesco, que faz assomar apenas uma lágrima ao canto do olho e que logo se esquece ao voltar de uma esquina, já não comovia, já não bastava à ânsia de emoção das multidões. O espírito da tragédia grega, que focava as hecatombes, as grandes derrocadas próprias de deuses, penetrava a Literatura e o Cinéma. O Teatro, porém, que devia ser o herdeiro legítimo desse espírito helénico, quedava adormecido nos paninhos quentes da alta comédia, do pequeno conflito que poderia interessar a uma pessoa, a uma família ou a um grupo, mas que deixava a Humanidade indiferente. O Teatro não

se interessava pelo grande drama universal, que assumia proporções gigantescas de tragédia.

Mas eis que o Teatro acaba de despertar para o grande assunto da nossa época. A tragédia da guerra, que tão profundamente abalou e alarma ainda o espírito de todos os homens, de todas as raças, de todos os continentes, galgou sobre a indiferença dos dramaturgos e assentou nos palcos os seus arraiais sinistros. Surge um ex-oficial austriaco, Hans Chlumberg, com o drama mais pavoroso que se pode conceber, *O milagre de Verdun*, agora em cena no «Martin Beck Theater», de New-York. A tragédia é tão intensa, tão asfixiante de terror, tão apavorante para os olhos e para a alma de quem a contempla que o seu autor faleceu tragicamente ao vêr a estreia da sua obra.

Têm sido frequentes as síncope cardíacas provocadas aos espectadores durante a representação dessa obra teatral que ganha em emoção aos já horrorosos temas cinematográficos *A Oeste nada de novo* e o *Quatro de infantaria*.

Vamos dar, em síntese, uma ligeira ideia dessa obra trágica, que matou o seu próprio autor, certos de que a emoção produzida nos leitores por esta levíssima descrição não terá consequências dramáticas a lamentar...

A cena representa um pequeno cemitério de Verdun em 1934. O teatro está todo às escuras; apenas uma ténue luz fosforescente, de fogo-fátuo, colada às cruzes que assinalam os túmulos, permite entrever a tristeza e a silhueta do monumento erguido à memória dos soldados que, com a sua vida, perderam nomes e apelidos. Um grupo de turistas ingleses, alemães, franceses, austriacos, italianos, japoneses e norte-americanos atravessa o cemitério, fa-

lando alegremente de tudo, menos da sangrenta história que ali se encerra. As tumbas em 1934 constituem um divertimento turístico, como Nice ou o Estoril, e todos querem conservar uma recordação da batalha de Verdun, que compram aos guardas do cemitério. Os turistas passam. Fica a solidão. Minutos de silêncio. Ao longe ouve-se o som estridente de cem charangas militares. Os vivos celebram o dia do armistício. Começa a ouvir-se ao mesmo tempo ruídos subterrâneos como se fôsses punhos robustos matraqueando em crânios no fundo dos túmulos. A terra trepida, as crúzes oscilam e caem. O monumento abre-se de maneira misteriosa e, no entanto, afastando-se, esvaem-se e perdem-se as músicas militares. Do fundo das tumbas ouvem-se ais prolongados e gritos de dor.

Lutando por sair, rastejando, assomam os rostos dos soldados mortos. Os que não perderam os braços ajudam aqueles que não podem sair dos sepulcros. Estão semi-nús, manchados de sangue, cobertos de lama das trincheiras; uns vestem uniformes aliados, outros cobrem-se com os capacetes alemães. Como a dor é igual, ninguém pergunta de que lado da trincheira caiu. Todos têm a mesma voz para exprimir o grito da morte; não vêem os uniformes, não vêem mais do que a dor e a obscuridade. E começa um desfile surdo e oscilante, sem róta certa, sem direcção definida, marchan-



A marcha dos mortos no «Milagre de Verdun»

Uma aventura de Andersen em Lisboa

(Continuação da pag. 7)

conto e o êxito que obteve lançou-o definitivamente no seu próprio destino, que foi triunfal e glorioso. As suas historietas para crianças não têm ainda hoje rival. Os reis da Dinamarca subvencionavam-lhe as viagens através do Oriente e da Europa. Em 1864 chegou a Lisboa. Jorge O'Neil apresentou-o na melhor sociedade, e o contestista do amor e da ternura criou a sua volta um verdadeiro fanatismo, sobretudo entre as damas. As pessoas que o recordam falam dele como um espírito gentilíssimo, ora melancólico ora alegre, um pouco supersticioso e temendo constantemente perigos inexistentes.

«O relógio que ele só usava... como graça tinha a sua história. Andersen viajava na Suíça quando conheceu um relojoeiro, grande admirador seu. Todos os seus filhos liam e reliam os contos de Andersen e olhavam-no como se ele fosse um feiticeiro... mas dos bons, dos que castigam a maldade e premiam a virtude. Um dia, o filho mais velho adocece gravemente e Andersen assiste aos seus últimos momentos, improvisando-lhe contos sobre contos. Quando ele terminava um, o pequeno agonizante, distraído dos seus sofrimentos pela emoção que lhe proporcionava a fantasia de Andersen, suplicou-lhe: «Conte mais... Gosto tanto de o ouvir!» E Andersen perdeu assim toda uma noite, mas a criança, graças a ele, expirou suavemente, sem uma lágrima... O pai, reconhecido, oferecera-lhe aquela relíquia que vinha dos avós, os primeiros relojoeiros da dinastia. Quando Andersen revelou o segredo do velho relógio, uma mulher chorava. Essa mulher era uma das actrizes mais brilhantes, aplaudidas e disputadas do seu tempo. Também ela tivera um filho que morrera. Andersen amava-a desde que a conhecera mas ela, profundamente honesta, não dera ocasião a que elle se declarasse. A história do relógio comovera-a e Andersen foi seu amante. Como prémio e recordação brindou-a com a preciosa relíquia.»

Que misteriosa trajectória percorreu o velho relógio nestes sessenta e sete anos que vão da estadia de Andersen em Lisboa até à sua aparição na montra dum *bric-à-brac*?
Enigma!

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses
SERVIÇO DE MOVIMENTO
REPARTIÇÃO DE RECLAMAÇÕES E LEILÕES
LEILÃO

Em 26 do corrente e dias seguintes, às 11 horas, na estação de esta Companhia em Lisboa, Cais dos Soldados, e em virtude do Aviso ao Público A n.º 134 de 25 de Julho de 1927, do Artigo 114.º da Tarifa Geral e do Artigo 9.º da Tarifa de Despesas Accessórias, proceder-se-á à venda em hasta pública de todas as remessas incursas nos respectivos prazos bem como de outros volumes não reclamados.

Avisam-se, portanto, os respectivos consignatários de que poderão ainda retirá-los, pagando o seu débito à Companhia, pelo que terão de dirigir-se ao Serviço do Movimento, Repartição de Reclamações e Leilões na estação do Cais dos Soldados, todos os dias úteis até 24 do corrente das 10 às 17 horas.

O leilão realiza-se no Armazem situado ao fim do molhe n.º 5 da referida estação de Lisboa, com serventia pela porta existente na rampa da Calçada de Santa Apolónia, defronte do gradeamento.

Lisboa, 7 de Outubro de 1931.

O Director Geral da Companhia
Ferreira de Mesquita

Al Capone

(Continuação da pag. 10)

os seus orçamentos são autênticas pipas sem fundo. A verba mais quantiosa é a destinada à... política. Conta-se que um certo senador, influente, não pelo valor moral ou intelectual, mas sim por um bambúrio de Partido e, principalmente, pelos seus dons de simulacro, resistira ao suborno de Al Capone e preparava-se até, a soldo de vários banqueiros, para uma ofensiva feroz contra o «banditismo de Chicago», quando uma noite, regressando ao seu palácio, após a ópera do «Metropolitano», é avisado de que um enviado especial do chefe do Partido, vindo especialmente de Washington para lhe falar, o aguardava na sala. Era de facto o secretário do chefe do Partido. Qual não foi a surpresa do senador ao ouvir a seguinte confissão: «Al Capone obrigou-me a procurá-lo e a instar consigo para que aceite as suas propostas. Razões tenho para o aconselhar a ceder.» O senador, não podendo explicar o que se passava, expulsou de casa o visitante. No dia seguinte recebia, pelo correio, um «foto» e uma carta. Julgou enlouquecer. Na «foto» via-se ele, senador, recebendo uns massos de notas da mão de Al Capone... em pessoa (ele já mais falara directamente com Al Capone), e a carta dizia: «Se não aceitar o pacto, todos os jornais da opposição publicam esta «foto», que é «truc», com o seguinte comentário: «O senador Y... depois de se ter vendido a Al Capone, traiçooou-o!» O senador corre à polícia, para se sangrar em saúde, provando a *chantage* e a falsidade da «foto», confessada na própria carta; mas quando chegou ao Comissariado só possuía duas folhas brancas... Graças a um «truc» químico, tanto as imagens do retrato como o autógrafo da carta tinham desaparecido!!! E o senador... cedeu!

Afirma-se que não só o governo do Estado e da cidade de Chicago têm estado nas mãos dos aliados de Al Capone como este mantém vários deputados e senadores, em Washington, sob o seu mando directo.

Quanto aos banqueiros, já falaremos.

O FLORISTA

Uma das façanhas mais trágicas de Al Capone é o caso conhecido pela «Morte do florista», a que nos referiremos no próximo número.

R. X.

HOMENS & FACTOS DO DIA

(Continuação da pag. 3)

ma razão do estômago, que é imperiosa e não se importa de filosofias nem humanitarismos — não me procurarão aflitos, receosos de que estas palavras sinceras e justas se transformem numa injustiça para a sua vida já tão pobre e miserável, agravando mais ainda a sua situação de animais que querem comer para viver.

O século da civilização e do progresso é, afinal, tão atrasado que ainda obriga o homem a ser besta para não morrer de fome.

MÁRIO DOMINGUES

Teatro trágico

(Continuação da pag. 11)

do às escuras para o mundo dos vivos que esqueceram os mortos.

A' cabeça desse cortejo macabro vai um soldado rufando com os punhos um tambor que tem ressonâncias sinistras. Os mortos amparam-se mutuamente, levando nas mãos as cruzes que encontraram sobre os seus túmulos. Seguem atrás do som do tambor, nas trevas, sem saberem para onde vão.

Um instinto misterioso separa-os depois de terem vagueado juntos pelos trágicos campos de batalha, convertidos em centros de curiosidade turística, e vão dar às casas que foram suas, aos lares que elles formaram e onde deixaram espósas e filhos nos bons tempos da vida repousada. E que encontram?

Os anos tinham passado. As viúvas haviam esquecido o seu sacrifício; outro amor floresceu onde um antigo amor se extinguiu; os lares que a guerra não destruíra eram mantidos por um novo afecto. Até os filhos tinham olvidado o rosto do pai quando os beijou pela última vez. Os pais dos mortos também já haviam morrido. Regressavam os sacrificados a um mundo que não queria recordá-los.

Quando correu a notícia de que os soldados mortos tinham ressuscitado, um sentimento de profunda surpresa e contrariedade apoderou-se das populações da França, da Alemanha e da Inglaterra. As portas permaneceram cerradas noite e dia; ninguém sai de casa para não vêr o morto que vive, que pergunta por onde é o novo caminho que o conduza ao seu lar. Ninguém quer aquele milagre que veio abater as novas felicidades, derrubar novas famílias, destruir novos lares.

E' esta a sítmula do *Milagre de Verdun*.

Quando se representou em Viena, uma viúva de um soldado morto na guerra enlouqueceu a meio do espectáculo. Era freqüente serem retiradas da sala mulheres desfalecidas. E até alguns jovens — talvez daqueles que esqueceram o rosto do pai quando os beijou pela última vez — tinham ataques de desespero e lágrimas que tornavam mais lúgubres as cenas patéticas da tragédia que se representava.

Z.

Quereis dinheiro?

Jogai no

Lama

R. do Amparo, 51-LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo

Sempre sortes grandes!!!

VISADO PELA
COMISSÃO DE CENSURA

O rato dos transatlânticos

(Continuação da pag. 9)

exerceu durante muito tempo a profissão de enfermeiro de bordo, falando-lhe eu há dias no Albuquerque e descrevendo-o minuciosamente, exclamou:

— Conheço-o como aos meus dedos!
Refiniu as suas recordações e contou-me o que sabia.

— A primeira vez que o encontrei — começou Gastão Sérgio — foi, se não me engano, em 1922, numa viagem de retorno, a bordo do *Roma*, de New York para Lisboa. Foi precisamente na altura em que Albuquerque regressou à Europa. Esse homem era dos poucos portugueses que vinha a bordo. Conversámos. Depressa verifiquei que possuía uma inteligência extraordinária. Abordava qualquer assunto com tal facilidade e conhecimentos tão profundos que me assombrou. Como sou um pouco filósofo enveredei as minhas palestras para esse campo agreste. Meti-me numa alhada... De Confúcio a Nietzsche, de Platão a Guyau, e até aos filósofos revolucionários Marx ou Kropotkine, tudo esse diabo conhecia citando frases de cor, dando interpretações novas, originais, inesperadas, às suas teorias. Era, além disso, um matemático assombroso e atirava com certas leis astronómicas abaixo — aquelas leis que já são dogmas da Ciência — com a mesma facilidade com que um garoto de mão certa abate nas feiras os bonecos de pim-pam-pum. E' um homem assombroso. Vinha carregado de «dollars», gastava à larga, como um príncipe. Dizia-me às vezes que se não pudesse gastar assim suicidar-se-ia. — «E se um dia se arruinasse?» — perguntei-lhe, uma vez. Olhou-me, sorriu e respondeu devagar: «Iria arranjar outra fortuna.» Desembarcou em Lisboa. Que tinha saudades de Portugal. Eu continuei até Marselha. Aí esperava-nos uma grande surpresa. A «Fabre Line» mandou chamar o capitão do «Roma» para lhe dizer que de uma grande quantia que lhe entregara, uma enorme parte (uns quarenta mil «dollars», se não estou em erro) era constituída por «dollars» falsos. Quem teria passado aquele dinheiro a bordo? Recairam as suspeitas sobre um grego estranho, gastador, mas de aspecto suspeito. Telegrafou-se para Nápoles, onde o homem devia ter desembarcado. O grego foi preso, mas provou-se que não fôra ele. Quem teria sido então o passador? Ignorava-se. Só eu suspeitei do Albuquerque. Mas calei as minhas suspeitas. Eram só suspeitas.

O CASO DAS PÉROLAS NO «SIERRA MORENA»

«Mais tarde, um ano depois, talvez nem tanto — prosseguiu Gastão Sérgio —, voltei a encontrá-lo a bordo do *Sierra Morena*, um paquete alemão onde trabalhei algum tempo. Reconheci-me, falou-me com a amabilidade costumada, traçou-me novas teorias astronómicas. Ainda não se tinha arruinado. Mantinha o mesmo espírito, a mesma elegância e a mesma largueza de gastos. «Sabe?» — confidenciou-me ele. — «Embarquei no *Sierra Morena* por causa de uma mulher. Tenho visto tantas por esse mundo e só agora me sinto apaixonado, preso pelo beicinho, como nós, portugueses, costumamos dizer. E' uma alemã. Mas que alemã, meu Deus! Casada, mas que importa? O amor não conhece papeis de registio civil nem comédias ante um altar. Jurei que essa mulher havia de ser minha, por todo o preço. Por ela farei todas as loucuras, todas!»

«Parecia-me sincero. Ele tem uma eloquência natural, espontânea, que empolga. Mas o caso dos «dollars» falsos não me saía da mente. Estive tentado a falar-lhe nele mas calei-me. Se eu estivesse enganado?»

«Efectivamente, a alemã que lhe seguia era uma estampa de assombrosa beleza. E, como se diz em calão de namôro, dava-lhe sorte, apesar de muito vigiada pelo marido, um industrial alemão estabe-

lecido no Rio de Janeiro, um homem pesado, cabeça rapada, olhinhos azues e piscos, mãos gigantescas e giela sempre pronta a deglutir largas canecas de cerveja. Mas aqueles amores, segundo observei, não passavam de platonismo. Um dia, já fomos a caminho do Rio de Janeiro, houve grande alarme a bordo. Tinha roubado um colar valiosíssimo à tal alemã, à apaixonada de Albuquerque. Novamente uma suspeita, aguda como um estilete, me atravessou a mente. Pensei nele, no homem sábio e elegante, e imaginei-o um Arsênio Lupin mais arrojado do que a célebre personagem imaginada por Maurice Leblanc. Procederam-se a pesquisas por todo o navio. Alguns passageiros protestaram quando lhes revistaram as bagagens. Era um vexame. Albuquerque, porém, mostrou prontamente as suas malas, quis ser todo revistado, porque, dizia ele, não podia suportar uma única dúvida sobre a sua honra.»

— E o colar foi encontrado?

— Foi — elucidou Sérgio. — Estava escondido no saco de um rapazote, um emigrante de olhar ladino e tipo afadistado, que embarcara em Lisboa com destino ao Rio. Protestou desesperadamente a sua inocência, mas ninguém o atendeu. Desembarcou no Rio debaixo de prisão. Albuquerque lá foi também atrás da sua alemã. Depois disso não o tornei a ver.

«Espera, que falta o epílogo desta aventura. Há uns dois anos, uma das últimas vezes que andei de viagem, vinha de Buenos-Aires para Lisboa, quando um passageiro de segunda se me abeirou, perguntando-me: «O senhor enfermeiro já não se lembra de mim?» Não me recordava. O homem, então, avivou-me a memória. Evocou o roubo do colar: «Pois quem foi preso como ladrão fui eu. Mas juro-lhe que estava inocente, tanto assim que fui absolvido.» — «Como arranjou você isso?» — perguntei-lhe. — «Tive um advogado admirável, um homem que assombrou o fêro brasileiro. Foi o dr. Manuel Francisco de Albuquerque, que vinha no mesmo navio connosco.» Depois de conseguir a absolvição do rapaz, Albuquerque pagou-lhe passagem para Buenos-Aires e recomendou-o a amigos seus. Recomendações foram essas, tão valiosas elas eram que o suposto ladrão prosperara rapidamente e vinha então gozar umas curtas férias de repouso a Lisboa para regressar à capital argentina, onde tinha um *bar* que lhe dava um esplêndido rendimento. — «E o colar?» — inquiri. — «Sei — respondeu ele — que foi restituído à antiga dona, que pouco o gozou, porque, segundo li nos jornais argentinos, foi-lhe roubado de novo poucos dias depois, e desta vez não tornou a aparecer.»

Os leitores não adivinham qualquer manobra na segunda desapareção do colar? Sim, devem suspeitar, como suspeitou Gastão Sérgio, como suspeito eu. O «rato dos transatlânticos» deve ter roubado o colar a bordo. Para não ser apanhado como vulgar gatuno, introduziu o roubo na modesta bagagem de um pobre emigrante, com a certeza de que repararia largamente essa má acção, salvando-o dos tribunais e abrindo-lhe um risonho futuro em Buenos-Aires. E por fim voltou a furtar o colar, desta vez por fôrma mais engenhosa e segura.

O colar estava avaliado em oitenta contos.

EPÍLOGO

Que é feito do «rato dos transatlânticos»? Sei do seu paradeiro. Vive em Portugal numa terra minúscula da província, gozando, decerto, umas curtas férias, para voltar à sua audaciosa faina. Não acrescento nem mais um pormenor sobre o seu esconderijo porque isso seria fazer o odioso papel de denunciante. Resta-me agradecer ao meu velho amigo Lacerda o ter-me proporcionado esta difícil reportagem, onde teve de entrar muita paciência e muito trabalho de investigação.

MÁRIO DOMINGUES

Existem ainda Templários em Portugal?

(Continuação da pag. 11)

nacional mas universal, como já se verá, e cuja decadência coincide sempre com a escamoteação que os adversários cometem apoderando-se desse segredo. Daí a semelhança dos efeitos, a aparência de igualdade de indivíduos, quando afinal são outros os pilotos dessa força que a usam orientados pelas suas ambições que não podem ser as mesmas das dos anteriores. A Maçonaria, como a Ordem de Cristo (o talismã da segunda dinastia e... causa principal de Aicacer Kebir e da dominação espanhola), como os Templários (os primeiros iniciados desse segredo, os primeiros a aproveitá-lo, quando do regresso dos Cruzados o conquistaram da ciência dos orientais, cuja decadência corresponde ao triunfo da Ordem de Cristo), foram herdeiros do mesmo tesouro! A Maçonaria, ao contrário do que se diz — e que alguns mações julgam — não foi um rebento do século dos enciclopedistas e muito menos uma consequência da revolução francesa. Era já velha, de séculos, quando Voltaire se ria de todas as convenções sociais. O seu domínio em Portugal só atingiu o apogeu quando se filtrou através do mesmo segredo que dera igual apogeu às ordens secretas anteriores.

Os Templários, que tinham batalhado na Palestina em defesa do Sagrado Sepulcro, tornaram-se uma força política no regresso à península. Frades e guerreiros, iam construindo os seus conventos à medida que ceifavam das terras os mouros que em essas terras dominavam. Durante séculos foram eles que mandaram, governaram em Portugal, escravizando os próprios reis à sua vontade — tão silenciosos e ocultos como a sua ciência trazida do Oriente. Aljubarrota não foi só uma derrota para os castelhanos; também o foi para os Templários. A vitória dos de Aviz apagou-os.

... Apagou-os! Mas exterminou-os? Razões existem para não o crer! Alguém que estuda, há anos, com uma clarividência de profeta e uma cultura de sábio, todos os aspectos da História Secreta de Portugal — e com entusiasmos paradoxal, visto que não é português (referimo-nos ao alemão dr. Paulo Kopper, professor do Instituto Histórico de Leipzig) — acabou de publicar no folheto do mesmo Instituto (n.º 9, de 20 de Setembro, pag. 12) um impressionante artigo intitulado «Ainda existem Templários em Portugal». Os Templários que ele evoca são os herdeiros do segredo, dos que se julgavam com missão divina na História Ibérica. Reproduzimos apenas o seguinte trecho: «Próximo da raia de Espanha, a poucos quilómetros de Barca de Alva, ergue-se um muro duma brancura immaculada, que reverbera ao sol como se fosse de aço e que enquadra uma quinta de lavoura e um solar erigido de torres, que mais parece a miniatura de uma catedral do que uma casa de habitação. O povo chama-lhe a «Quinta das Cruzes». Vivem lá dentro uns quarenta homens, barbados uns, jovens outros, e todos tão silenciosos que dificilmente se lhes arranca uma palavra. Quando saem, vêm aos pares, vestidos de negro, e embora vistam como qualquer burguês ou lavrador, recordam frades... em traje civil. Dedicam-se à lavoura, mas esse trabalho parece apenas um disfarce. A maior parte do tempo vivem encerrados no solar que se assemelha a templo. Certas madrugadas vêm-se luzes nas janelas, e pelas chaminés — são três — sobem novelos de fumo enfiados por inúmeras faíscas multicolores.» E o remate: «São estes os actuais Templários de Portugal, os herdeiros dos que se apagaram em Aljubarrota. Que estudam eles? Que preparam eles?»

As tragédias da América Latina

Do imperialismo do «dollar» ao presidente Machado, de Cuba

NÓS, europeus, homens do Velho Continente, vemos na América o símbolo máximo de todos os progressos e, portanto, de todas as liberdades. O esplendor que irrompe de «esa matrona de acero» que é, segundo a expressão de Martí, a gigantesca estátua que se ergue sobre o Hudson, à entrada de New-York — cega-nos e... ilude-nos! A prosápia de Roosevelt quando, ainda simples jornalista, veio à Europa e respondeu a uma pergunta banal com a seguinte bravata: «Sou um livre cidadão dos livres Estados Unidos da livre América!» — embriaga-nos! E contudo a América não é o que parece! Não, pelo menos, a América que nós sonhamos. Existem perfeições que só se alcançam após muitos séculos de luta e de sacrifício. Ao Novo Continente falta-lhe esse passado de Dôr

e de Esfôrço para alcançar o paraíso que julga possuir.

Impossível é negar que os Estados Unidos dispõem de um ritmo social avançado; que a sua evolução popularista se tem realizado vertiginosamente — adiantando-se por vezes aos desejos das próprias massas —, mas não podemos esquecer tão pouco que os E. U. é o país da aristocracia do ouro, da tirania do *dollar*, do despotismo dos reis do sabão e do petróleo — incendiários de guerras, fomentadores das fomes em proveito dos seus milhões... Mas onde à utopia da liberdade se desmente com uma crueldade apavorante é nas outras repúblicas, nos vinte Estados hispano-americanos — com raríssimas excepções. E essas excepções — é preciso ter a coragem da verdade! — limitam-se ao Uruguay — país-modelo, país-laboratório de países, o país mais avançado e pacífico e intelectual do mundo; ao México — por muito paradoxal que isso pareça e a-pesar das suas contínuas revoluções —, onde existe de facto um fanatismo geral pela liberdade, e a mais duas ou três repúblicas!

No Chile, Ibañez, depois de ter incendiado, linchado as aldeias revoltadas, contrata aviadores civis nos Estados Unidos, faz com que eles levem nos seus aeroplanos agentes da sua confiança e desfaz três partes da esquadra chilena — produto de tantos sacrifícios da nação e que era a melhor da América do Sul. Em S. Salvador, Artur Araujo,



Sanchez del Cerro, do Perú



Presidente de S. Salvador

AS «ESTRELAS» E «ASES» DA CINEMATOGRAFIA JAPONESA

O Japão também fornece Gretas Garbos, Jeans Gilberts e Charlots... amarelos.

O Scinéfios portugueses, sempre tão sôfregos de notícias e tão em dia com os segredos de Hollywood, com a evolução da «Ufa», de Berlim, com as novidades de Paris e Londres; que sabem o dia e a hora certa em que Clara Bow vai ao dentista e em que Charlot recebe os amigos íntimos, ignoram talvez que o Japão possui também em Hollywood uma côrte de «estrelas», de «ases», de



As duas irmãs Simi e Nea-Kji, as Talmadges japonesas

«vedettes» que refulgem e são adorados pelo público asiático como as Gretas Garbos e Jannings o são pelo público mundial. Os japoneses deliram com o cinêma. Existem em todo o Império perto de 5.000 salas. A produção nacional está assegurada por oito grandes firmas — sendo as maiores *The Javan Pictures C.º* e *The Nippon Film C.º* — correspondentes à «Metro» e à «Paramount» ou à «Ufa». A primeira gira com um capital de 150.000 libras. Os *studios* dessas empresas principais e das vinte de menor importância (a «Fiu-Pictures», que se dedica só a filmes cómicos; a *Tsen-Huni*, especializada em desenhos animados, etc.) reúniram-se num local entre Tokio e Yokohama, *Jmaika-Garden*, que, como Hollywood, era ainda há poucos anos uma aldeia com poucas habitantes e é hoje uma cidade florescente, com 30.000 habitantes, quasi exclusivamente dedicados ao cinêma. O mais pitoresco dessa imitação é que os cineastas nipónicos, não podendo esquivar-se à influência *yankee*, alemã, etc., e tendo criado um vasto elenco de «estrelas», fazem todo o reclamo usando os nomes dos «ases» brancos para incensar os «ases» amarelos. Por exemplo: a jovem «estrela» Kara-Hai é a Greta Garbo japonesa; *Djamu-Fiu*, o *Conrad Veidt* amarelo; *Simi* e *Nea-Kji*, as irmãs *Talmadge*, etc. Kara-Hai — para em tudo se assemelhar a Greta — teve uma juventude modestíssima, como caixeira, em Osaka; possui um temperamento misterioso e melancólico, despertando paixões-relâmpago não só entre os tenórios que também entre os colegas. Dizem até que *Dudjita*, o *John Gilbert* de Tokio, tentou um *hara-kiri* autêntico, quando filmava um simulacro de *hara-kiri*, ao compreender que nunca conquistaria o coração da esquiva «vedette»...

Para nada lhes faltar, até possuem um *Charlot*. Chama-se *Mevapi* e a sua graça irresistível tem a mesma devoção intelectual e o mesmo amargor dramático de *Chaplin*. Quando teremos em Portugal um filme japonês?



General Chacon, de Guatemala

no próprio dia em que perde as eleições, apossa-se da presidência e manda para enxovias medievais todos os que tinham votado nos outros candidatos e escamoteia misteriosamente... o presidente eleito e o anterior! No Perú, *David Ocampo*, homem de confiança do presidente, arma uma cilada ao seu protector, algema-o, prende-o no seu próprio palácio e nomeia-se a si próprio presidente — começando uma tirania sangrenta como não há memória na história de todas as tiranias.

Guatemala sofreu catorze anos de Estrada Cabrera — «el presidente-dinástico» que governava num palácio cercado de artilharia. No Equador, *Isidoro Ayora* provocou com as suas crueldades inquisitoriais tal indignação popular que os próprios fiéis se revoltaram contra ele. Na própria Argentina, os que aplaudiram a eleição de *Uriburu* já reclamam alfitivamente *Rigoyen* e *Alvear* — que ao lado daquele tirano são autênticos santarrões. Mas o que bate o *record* sangüinário do despotismo e na crueldade é o presidente Machado, de Cuba. Que lhe importa a ele que o seu mandato esteja concluído, que o Parlamento o ataque, que toda a nação o odeie? Organizou o

seu governo sobre uma base de liquidação de inimigos — e não há quem lhe resista porque nin-



O Presidente Machado, de Cuba

As surpresas do banditismo de Shangai



Um curioso aspecto de Shangai

Quem são os «Chung-Hung-Pang» — Bandidos, policiais, nacionalistas, bolchevistas e outras coisas ainda.

(ESPECIAL PARA O «REPORTER X»)

O «Reporter X» inicia hoje uma série de reportagens sobre a China moderna que deve enriquecer, mais ainda, o mealheiro de emoções que quebramos todas as semanas ante os olhos dos nossos leitores. O novo colaborador — que se oculta sob o pseudônimo de «Reporter Amarelo» — é um jovem e ilustre jornalista português, que passou despercebido, porque não o deixaram brilhar, pela nossa imprensa, mas que o importante organismo jornalístico inglês «The Inter-New's Service Press» soube apreciar, contratando-o e confiando-lhe a missão de correspondente em Shangai. O seu primeiro trabalho para o nosso semanário é a exibição do seu dedo mínimo — mas pelo qual se mede o gigante. «O banditismo de Shangai» é uma bela página de reportagem moderna, palpitante de interesse.

Shangai, 8 de Setembro.

UMA das muitas cartas de apresentação que inchavam os meus bolsos ao desembarcar em Shangai era dirigida a Mr. Edward Watt, um dos membros em maior evidência da colônia yankee. Ofereceu-se-me como *etcone*, dicionário, intérprete, introdutor, profeta;



General Ibañez, do Chile

guém pode competir com ele. Raro é o dia em que os seus janizários não atiram para as fortalezas centenas de prisioneiros — e nenhum torna a ver o sol da liberdade. Um exemplo: o dr. Ruiz de Castro — ídolo popular. Prêso, obrigam-no a cair um alto muro da cerca da prisão. Trepou a uma escada com quatro metros. Um soldado passa e sem querer tropeça na escada — e o dr. Ruiz, caindo, desamparado, fende o crânio e morre. Explicação oficial... *accidente!!! — fatalidade!!!*

E os jornalistas que não concordam com a sua política e não lhe queimam elogios acabam, como o pobre Pablo de S. José, mortos... misteriosamente!

Ah! A livre América!

dias sangrentas, os seus imprevistos sensacionais — e com algo que falta ao grande espectáculo de Chicago: a política internacionalista, a guerra civil, a invasão do bolchevismo, a defesa das concessões europeias, a inflamação do nacionalismo amarelo — último recorte do ódio instintivo e feroz dos *boxers* contra os estrangeiros — e a intervenção subtil do capitalismo mundial, procurando a catalepsia dos patriotas...

«Estávamos nos *hors d'œuvre* — melão da Mongólia salpicado de gelo, seguido de fatias barradas com *caviar* — quando entrou na sala um *gentleman* chinês ocidentalizado, mais *gentleman*, mais *Oxford Street* nos gestos, na atitude, no «à vontade», do que no traje, que era impecável. O que me surpreendeu foi a forma da entrada, enquadrado entre cinco chineses, igualmente embañados em fatos elegantes transparecendo não plebeísmo mas pelo menos *virus* europeu. Era evidente que os cinco companheiros eram guarda-costas do primeiro: os olhares relanceados, as mãos afundadas nos bolsos das pistolas, as mesas que escolheram — situando a mesa do chefe (?) — revelavam bem a estratégia da defesa. Indaguei...

Mr. Watt elucida-me: «É um milionário de Hong-Kong. Os milionários — aqui, hiper, super-milionários — são mais numerosos e mais ricos na China do que na América. Mas os perigos que correm são também mais graves. Vivem na eterna ameaça da *chantage* e do *sequestro*. Armam-lhes ciladas, prendem-nos — e só os libertam contra elevadas somas de dinheiro! Este perigo constante, vulgar, banal mesmo em toda a China — e sobretudo em Shangai — criou uma nova profissão: a dos guarda-costas. Raro é o homem, não direi rico, mas remediado, que não necessite de uma vigilância heróica! Centenas de russos — antigos príncipes, generais, capitães, policiais da Rússia *tzarista* dedicam-se a esse *métier*, que lhes proporciona grandes lucros. E não é só benefício monetário — ganham belos ordenados —, é a vida que levam, acompanhando o seu patrão para toda a parte, banqueteadando-se, divertindo-se com ele. São tratados como quem suspeite que esses *guardiães* são aliados dos bandidos — porque sem bandidos não seriam necessários os seus serviços! Esses que você vê ali, guardando o milionário chinês, não são russos: são chineses. Há quem prefira os amarelos. Pertencem a uma espécie de seita que, quando é preciso, se transforma em sindicato policial. São os «Chung-Hung-Pang» (grupo azul e vermelho). A sua origem data da última di-

nastia — ou seja de há 250 anos! Ao princípio, quere dizer, no século XVII, formavam um partido defensor da dinastia derrotada — a Chung —, inimiga da dinastia vitoriosa — a Mandchuria; com o decorrer do tempo, abandonaram, em parte, os seus ardores guerreiros e... dedicaram-se à vida civil...

Havia certa ironia nesta explicação. Pouco depois surgia na sala um *gentleman* europeu — cercado por outros cinco chineses. Sorriu-se Mr. Watt e elucidou-me:

— Também está ameaçado o cônsul de Inglaterra. Quem o ameaça é o Partido Nacionalista. Quem o defende são os guardiães profissionais — os «Chung-Hung-Pang» o grupo azul e vermelho.

Pela altura do *rumstech* entrou na sala uma individualidade que despertou a máxima atenção. Era o famoso general nacionalista Tsiu-Kow — acompanhado de um chinês em traje civil. O chinês civil foi saudado quase militarmente pelos outros chineses. — «Sabe o que significa aquele almôço do general?» — perguntou Mr. Watt. — Uma conferência política entre os nacionalistas e o chefe da «Chung-Hung-Pang» — o grupo «azul e vermelho». São aliados e graças à protecção dos «Chung» os nacionalistas ganham terreno todos os dias...

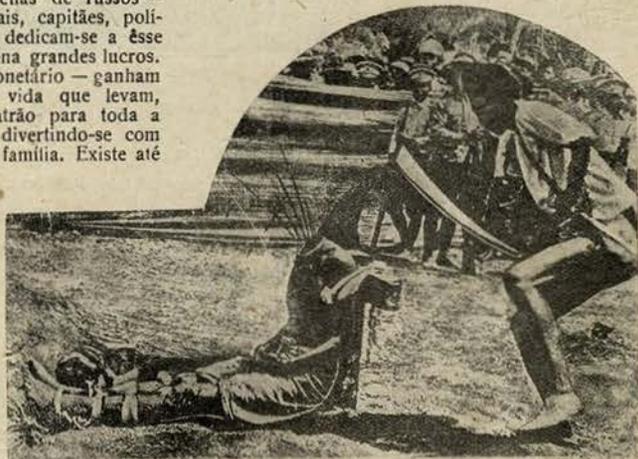
Tudo o *brouhaha* da sala se extinguiu num silêncio alitivo ao escutar-se uma *sirène*. Corremos para a janela... Ouvem-se ladrar as metralhadoras; passam «autos» apinhados de chineses civis que disparam, outros «autos» que os perseguem e que vão apinhados de policiais chineses. — «É a polícia nos seus cotidianos ataques aos bandidos de Shangai, que possuem o monopólio de toda a prostituição, da venda do álcool, do jogo, dos alcoóides e que exercem *chantages* terribes e sequestros nos milionários» — segredou-me Mr. Watt. — «E esses bandidos formam várias quadrilhas?» — indago. — São europeus? São... americanos? — «Não. São chineses. Pertencem todos aos «Chung-Hung-Pang» — ao grupo azul e vermelho...»

Eis o primeiro instantâneo que obtive da vida actual chinesa.

REPORTER AMARELO

(É proibida a transcrição)

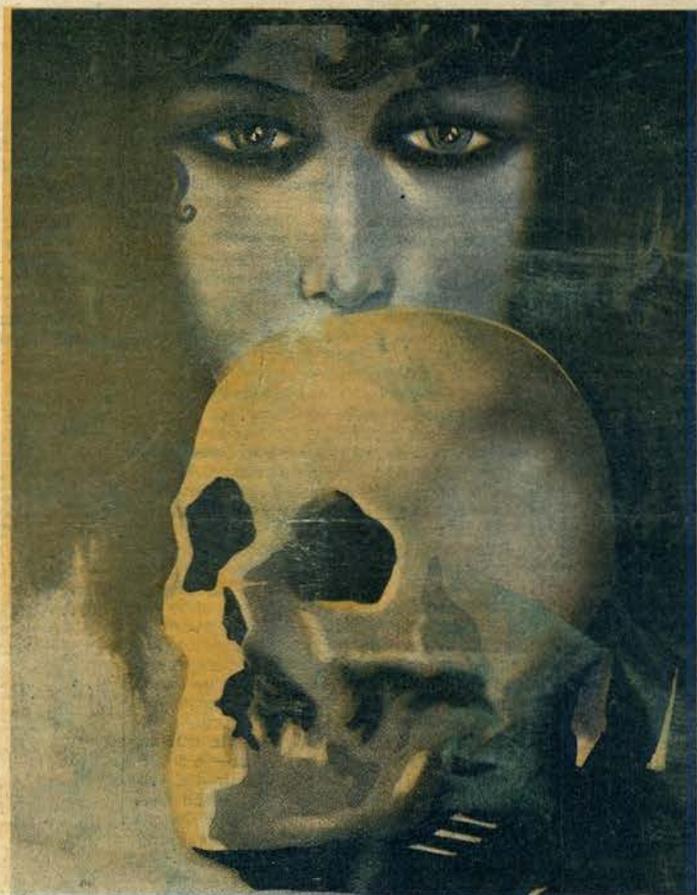
O «Reporter X» vende-se em todas as tabacarias



Uma execução em Shangai

NOVELA N.º 33

A RODA DA MORTE



Quinta-feira, 22 de Outubro de 1931

SENSACIONALÍSSIMO
ORIGINAL INÉDITO DE PEDRO MARIEL
LEIAM
